



Análise Crítica da Ideologia Marxista segundo a Filosofia de Vida Cristã

Pe. Ângelo Rudello

Resumos das Palestras de um Ciclo de Palestras Semanais
Apresentado em 1979 no Grupo Escoteiro Dom Bosco
de Araçatuba

Material Fac-símile

Piracicaba
2025

Apresentação

Na década de 1970, Pe. Ângelo Rudello desenvolvia as atividades do Grupo Escoteiro Dom Bosco, em Araçatuba, em três encontros semanais que ocorriam no sábado à tarde, no domingo de manhã e na quarta-feira à noite. Os encontros de sábado e domingo eram tipicamente escoteiros, envolvendo as atividades tradicionais do escotismo. Os encontros de sábado costumavam ser mais informais (usávamos qualquer roupa) e as atividades eram realizadas, geralmente, pelas patrulhas escoteiras individualmente. Os encontros de domingo costumavam ser mais formais. Geralmente, nos vestíamos com calça jeans e a camiseta do grupo Dom Bosco e realizávamos atividades por tropa escoteira ou com o grupo todo em conjunto. Eram comuns as excursões de bicicleta que tomavam o dia inteiro e as gincanas realizadas às margens da lagoa onde ficava a sede da Polícia Mirim de Araçatuba. Mais raramente, tínhamos as reuniões formais do grupo em que vestíamos o uniforme escoteiro e nos perfilávamos em formação militar para o asteamento e arriamento da bandeira. Havia também encontros especiais no sábado à noite: os fogos de conselho. Uniformizados, sem luzes artificiais, sentávamos ao redor do fogo, cantávamos e apresentávamos esquetes. Ocasão mágica para se fazer a promessa escoteira.

Já os encontros de quarta-feira à noite não suscitavam muita animação na turma, pois era o dia da “*palestra do padre*”. Era comum que, nessas palestras, o Pe. Ângelo nos entregasse folhas de sulfite mimeografadas, a álcool ou a tinta, com o resumo do que desenvolvia na palestra. O material fac-símile apresentado aqui são as folhas do ciclo de palestras que o Pe. Ângelo chamou de “*Análise Crítica da Ideologia Marxista Segundo a Filosofia de Vida Cristã*”. Esse título não se mostra em nenhuma das folhas, mas está forte na memória. Não há como garantir que as 42 folhas apresentadas correspondam à totalidade dos resumos do ciclo de palestras. Contudo, elas compõem um todo coerente, uma obra que, embora resumida, vale a pena ser lida.

Passados mais de 45 anos, vejo que, com as palestras, o Pe. Ângelo nos colocava diante do mundo e de nós mesmos. Elas eram verdadeiramente formativas. Tiveram profunda influência sobre mim e, acredito eu, sobre meus amigos. Na época, alguns de meus amigos não viam essas palestras com muita animação, mas elas me fascinavam. Desenvolvi pelo Pe. Ângelo um sentimento confuso, misto de profunda admiração e de uma boa dose de temor. Como era possível que aquele padre conhecesse tão bem o que se passava dentro de mim? Como conseguia tratar assuntos tão complexos de maneira tão clara e objetiva?

O passar dos anos nos amadurece. O tempo revelou que o Pe. Ângelo, dentre as suas muitas e admiráveis facetas, era um verdadeiro intelectual e um grande educador, perdido num fim-de-mundo cultural que era Araçatuba. Revelou também que, apesar de seu temperamento colérico não aparentar, ele nos amava profundamente. Amorosa benção de Deus nas nossas vidas.

J. L. Ferreira Batista
(Joe para os amigos escoteiros)
Piracicaba, abril de 2025

MATERIALISMO DIALÉTICO (ESBOÇO HISTÓRICO)

Wilhelm HEGEL (1770-1831) - Pai do idealismo dialético. Concebeu toda a realidade como IDEIA ETERNA E ABSOLUTA que se evolue imanentisticamente através da síntese de tese e antítese.

Ludwig FEUERBACH (1804-1872) - Partindo da necessidade de conciliar a realidade material com a Idéia Absoluta do seu mestre desembocou no materialismo. Se de fato tudo que existe é idéia e de outro lado as coisas materiais verdadeiramente existem, segue que a realidade material é a própria Idéia. A Idéia hegeliana é a própria Matéria. Tudo é matéria. "O homem é o que ele come".

KARL MARX (1818-1883) - Pai do comunismo. Aplica os princípios do materialismo dialético à história e à vida social, criando o materialismo histórico. À base da história e dos fenômenos sociais estão os fatores materiais - e tudo na história procede através da luta dos contrários, conforme a lógica da contradição, que na vida social se concretiza na luta de classe e na revolução.

Friedrich ENGELS (1820-1895) - Colaborador e continuador de Marx, foi o verdadeiro teórico do materialismo dialético: lhe compete a paternidade do marxismo ideológico e filosófico, em quanto a Marx a do marxismo social e econômico.

Vladimir LENIN (1870-1924) - O principal artífice da revolução bolchevista operada na base dos princípios marxistas. Fez do marxismo a arma revolucionária na luta para instaurar o regime socialista contra o capitalismo burgues, operando o grande experimento russo de integral aplicação da filosofia marxista.

Iosif STALIN (1879-1953) - Continuou a atuação do programa social, político e econômico de Lenin, defendendo, com sangüinária violência o materialismo dialético contra as desviações de direita (Deborin) e de esquerda (Trotzkij). Repudiou a concepção abstrata do marxismo como de um dogma fixado para sempre e adoptou em vez a concepção ativística e creativa, que consiste em evoluir e atuar vitalmente os princípios marxistas.

CONTEUDO "MATERIALISTICO DO MARXISMO

1 - A MATÉRIA É A ÚNICA REALIDADE OBJETIVA

Todo que é real, que existe é matéria. Nada existe que não seja matéria. A matéria é a única realidade objetiva independente da consciência.

2 - A MATÉRIA É INCRIADA E ETERNA : o espírito não é se não um derivado da matéria, um produto do cérebro humano, a mais sublime elaboração da matéria em sua contínua evolução. Espírito = inteligência consciente. Se a matéria é a única realidade objetiva e sussistente, nada de objetivo e sussistente pode existir que não seja matéria. Vem portanto negada a existência objetiva de qualquer "espírito" sussistente e independente da matéria, i.é. a existências objetiva de Deus e da alma humana, ambos criação quimérica da fantasia, produto do cérebro humano.

DEUS - "Através da personificação das potências naturais é que nasceram os primeiros deuses; depois mediante um processo quase de destilação nasceu a ideia de um só deus. (Engels)

Segundo Lenin a idéia de Deus é uma compensação psicológica que os homens oprimidos e explorados criam para si, para seconsolar, compensar e proteger contra tudo que os oprime. "Deus é antes de tudo um complexo de idéias geradas pelo brutal esmagamento do homem por parte da natureza, do ambiente e do jogo de classe - idéias que "estabilizam" este esmagamento, e amortece, abafa a luta de classe.

"O medo criou os deuses".

A crença na vida futura surgiu como uma ilusória compensação à falta de felicidade da vida presente. " O homem aspira ao bemestar e à felicidade; geralmente porém ele vê frustrada sua aspiração pela injustiça e pela exploração. Então por uma insuprimível necessidade de esperança, ele se rifugia no sonho de uma quimérica felicidade ultraterrena. Assim nasce a fé na inortalidade da alma e na vida futura.

Stalin ainda afirma: A matéria é a primeira realidade, porque é a fonte de nossas sensações, representações, da consciência, em quanto a consciência, o pensamento é a segunda realidade derivada, produto da matéria, produto do cérebro. O cérebro é o órgão que produz o pensamento.

3) - A matéria e o mundo sensível podem ser conhecidos em si mesmos com absoluta verdade e objetividade.

O materialismo marxista tem ainda como princípio indiscutível que o nosso conhecimento das leis da natureza, verificado pela experiência, pela prática, é um conhecimento válido, que tem o valor da verdade objetiva. No mundo não existem coisas desconhecíveis, mas sim desconhecidas.

O MÉTODO "DIALÉTICO" DO MATERIALISMO MARXISTA

O materialismo marxista se chama "dialético" porque o seu método de considerar os fenômenos da natureza, de investiga-los e conhecê-los é dialético.

Dialético deriva da palavra grega "dialego", que significa discutir, polemizar. Dialética era para os gregos a arte de alcançar a verdade, descobrindo as contradições contidas no raciocínio do adversário e supera-las. Eles achavam que a descoberta das contradições no pensamento e o choque das opostas opiniões representasse o meio melhor para descobrir a verdade. Este modo dialético de pensar se tornou depois o método "dialético de conhecimento da natureza, segundo o qual os fenômenos da natureza estão perpetuamente em evolução e transformação e o desenvolvimento da matéria é o resultado das contradições da natureza, i.é o resultado da ação recíproca das forças opostas da natureza.

Dialética é portanto sinônimo de dinamismo, evolução, transformação, desenvolvimento da matéria sob o estímulo das forças contrárias insitas na natureza.

O método dialético, i.é. o método da investigação e do conhecimento da matéria obedece a quatro leis fundamentais:

1º - Todos os objetos e fenômenos da natureza estão organicamente coligados entre eles, dependendo uns dos outros, condicionando-se reciprocamente, e formando um todo único, coerente. Portanto nenhum fenômeno da natureza pode ser compreendido se considerado isoladamente, sem ligação com os fenômenos que o circundam. Portanto também entre os fenômenos econômicos, sociais, políticos culturais, religiosos existe uma orgânica, inegável ligação e dependência.

2 - Toda a natureza está em movimento e evolução contínua

Pela ideologia marxista o movimento é o modo de ser da matéria.

Por movimento não se entende simplesmente o movimento mecânico, mas também calor, luz, eletricidade, tensão magnética, união e decomposição química, vida, ... e finalmente consciência. Para o método dialético é importante não aquilo que já é estável mas sim, o que nasce o que se desenvolve, também se no momento parece instável .

3 - A evolução da matéria se realiza por saltos qualitativos.

Esta é a lei da passagem da quantidade para a qualidade, que pretende explicar como possam surgir realidades qualitativamente diferentes. A matéria se desenvolve não só por aumento quantitativo, gradual; mas também por imprevistos saltos qualitativos que dão origem à propriedades essencialmente superiores, e que resultam por sua vez da soma de mutações quantitativas graduais... É impossível mudar a qualidade de um corpo, sem acrescentar-lhe o tirar-lhe matéria ou movimento, i.é. sem que aja uma mudança quantitativa naquele corpo, (Engels).

Ex. água, combinações químicas...

Deste modo é explicado o surgir da vida e da própria consciência.

4 - O princípio de cada mudança é a contradição insita na realidade.

Hegel afirmava que a contradição é "uma determinação igualmente essencial e imanente quanto a identidade" ; alias entre as duas propriedades da realidade "a contradição é a mais profunda e essencial, porque a contradição é a raiz de todo movimento e vitalidade : uma coisa se move, tem um instinto, uma atividade, só em quanto tem em si uma contradição". Os marxistas indicam, como prova, numerosas contradições insitas na matéria : onda e corpúsculo, ação e reação, inércia e movimento, eletricidade positiva e negativa, magnetismo N e S , análise e síntese, vida e morte, e em sociologia luta de classes.....

Ora onde existem forças opostas há de nascer inevitavelmente antagonismo, luta para superar o oposto e por isso movimento, mudança que se resolverá numa nova situação, i.é. na síntese dos opostos (tese e antitese) que por sua vez se encontrará em contraste com um outro oposto, gerando assim um contínuo e progressivo movimento e mudança de toda realidade, sem nunca alcançar um estado de quieto. A luta dos opostos, entre o velho e o novo, entre o que morre e o que nasce entre o que já foi e o que há de ser é o segredo de todo desenvolvimento.

IDEOLOGIA DO MATERIALISMO APLICADA À REALIDADE HISTÓRICO-SOCIAL

Princípios fundamentais do MATERIALISMO

- a) A matéria é a única realidade objetiva.
- b) O espírito - inteligência, consciência - é um produto da matéria.
- c) A matéria pode ser conhecida em si mesma com absoluta objetividade ; sua evolução obedece à leis fixas, necessárias.

Conseqüentemente eis os aspectos fundamentais da ideologia marxista sobre a realidade histórico-social

Se a história do cosmo como da humanidade é a história da matéria que evolue :

- a) as leis que governam a história serão as leis da matéria : necessárias, fixas.
- b) Tais leis são perfeitamente conhecíveis.
- c) Se tudo é matéria, são as condições materiais que estão à base do desenvolvimento da história e de todo fenômeno social.

- a) Stalin assim enuncia a primeira conclusão do "Materialismo" aplicado à realidade histórico-social :

" Se é verdade que as recíprocas ligações entre os fenômenos da natureza e seu recíproco condicionamento representam leis necessárias do desenvolvimento da matéria, conseqüentemente é também verdade que as ligações e o recíproco condicionamento entre os fenômenos da vida social representam não simples contingências, mas leis necessárias do desenvolvimento social. A história da sociedade se nos apresenta como algo de necessário, e o estudo da mesma se torna uma autêntica ciência.

- b) Se é verdade que a natureza e as leis do seu desenvolvimento são objeto de conhecimento científico, segue como consequência que também o desenvolvimento da sociedade é regulado por leis fixas, perfeitamente conhecíveis e por isso científicas.

A ciência da história da vida social, apesar da complexidade dos fenômenos que estuda, se torna uma ciência exata como ...a biologia.

Portanto se podem prever e fixar com absoluta certeza as etapas futuras da evolução social e da história, assim como se podem prever os fenômenos dependentes das leis físicas e química.

Marxismo é ciência do futuro .

A ligação, portanto, entre a teoria (ciência) e a prática deve ser perfeita. O marxismo pretende ser uma concepção profética da história em quanto não só presume explicar perfeitamente o passado, mas também prever infalivelmente o futuro.

c) Todos os fenômenos históricos são determinados das condições da vida material da sociedade, i.é do modo de produção dos bens materiais.

Dada a prioridade da matéria sobre o "espírito"-inteligência, consciência- segue que as condições materiais da sociedade são o elemento determinante e a explicação de todos os acontecimentos da história, de todos os fenômenos da vida humana, fonte da qual manam as próprias idéias sociais, políticas, filosóficas, religiosas.

Mudando as condições materiais, i.é a essência da sociedade humana, mudam as idéias, as considerações os conceitos, enfim a consciência. A história das idéias mostra o plasmar-se da produção espiritual sobre a material.

-- O modo com o qual se produzem os bens materiais é o fator principal que determina os acontecimentos da história e a realidade social, o tipo de regime social, a passagem de um regime para outro.

Este modo consta de dois elementos :

1º - As forças produtivas : instrumentos de trabalho, de produção, maior ou menor aptidão, experiência dos trabalhadores.

2º - Relacionamento recíproco dos homens no processo de produção.

" Os homens, antes de ocupar-se de política, de ciência, de arte, de religião... devem em primeiro lugar comer, beber, vestir-se, alojar..., portanto a produção dos meios materiais de subsistência e com isso o nível de desenvolvimento econômico de um povo ou de uma época constituem a base da qual se deduzem e conseqüentemente se explicam todas as instituições de um estado, as concepções jurídicas, a arte e também as idéias religiosas dos homens". Engels

Stalin para provar esta tese apela pela história da humanidade distinguindo nela cinco períodos, cada um caracterizado por diferentes forças produtivas e diferentes relacionamentos entre os homens,

A DIALÉTICA APLICADA À REALIDADE HISTÓRICO-SOCIAL

O método dialético do marxismo é caracterizado por quatro aspectos essenciais, ou leis da dialética :

- a) a unidade orgânica da natureza
- b) a contínua mudança - evolução - de toda a realidade
- c) as mudanças essenciais através de saltos qualitativos
- d) a luta das contradições como causa de toda mudança

Eis as deduções ou leis dialéticas na visão marxista da realidade histórico-social.

- a) Todos os fenômenos sociais da história estão organicamente ligados entre eles condicionando-se mutuamente. A visão unitária e orgânica da história é concebida como uma corrente de ferro onde cada elo depende do precedente e condiciona o seguinte.

Cada fenômeno social deve ser, portanto entendido a partir das condições que o geraram e não de algum outro influxo extramaterial.

- b) A realidade histórico social está em mudança e evolução contínua. Não existe nada imutável, eterno : nem idéias, nem princípios, nem regimes nem instituições... O que existe está destinado a morrer; o que vale é aquilo que nasce ou está para nascer. Capitalismo já foi. Não se deve confiar nos estratos sociais que já desenvolveram, embora representem a classe dominante, mas sim nos estratos em desenvolvimento que tem o futuro a frente, embora não representem a classe dominante.
- c) A evolução da sociedade se realiza inevitavelmente por meio da revolução. "Se é verdade que a passagem das lentas mudanças quantitativas às rápidas, repentinas evoluções qualitativas é uma lei do desenvolvimento da matéria, é lógico que as revoluções operadas pelas classes oprimidas representam um fenômeno absolutamente natural e inevitável. Eis porque a passagem do capitalismo ao socialismo e a libertação da classe operária do jugo capitalístico, não podem se realizar por meio de lentas mudanças, por meio de reformas, mas somente mediante uma mudança repentina do regime capitalístico, por meio da revolução.

"Eis porque, se não se quer errar em política, é necessário ser revolucionários e não reformistas" - Stalin -

d) Rais de todo desenvolvimento social é a luta de classe.

Como as contradições iminentes na matéria são a causa de toda evolução da natureza, assim a insanável luta de classe conduz continuamente a sociedade rumo desenvolvimentos e progressos sempre novos. E como o desenvolvimento se realiza mediante o manifestar-se das contradições internas da sociedade através do conflito das forças opostas na base destas contradições, (o conflito é destinado a superar as contradições) então é lógico que a luta de classe do proletariado é absolutamente natural e inevitável.

Eis porque não se devem esconder as contradições do regime capitalístico, mas se devem denunciar e por em evidência. Não se pode sufocar a luta de classe, mas conduzi-la até o fim.

É necessário conduzir uma política proletária de classe, uma política intransigente, e não uma política reformista de harmonia entre os interesses do proletariado e os interesses da burguesia, uma política de conciliação, de integração do capitalismo no socialismo. A luta de classe é concebida pelos marxistas como o fermento animador da história humana, como o estímulo insuprimível de todo progresso humano.

Toda história foi história de lutas de classe, entre classes exploradas e exploradoras, oprimidas e opressoras. Esta luta chegou agora ao ponto crítico em que a classe explorada e oprimida (proletariado) não poderá mais libertar-se da classe opressora sem libertar contemporaneamente e para sempre toda a sociedade. Só quando o regime socialista será instaurado, desaparecerá definitivamente todo antagonismo de classe, não existirão mais classes, não haverá mais necessidade de poderes políticos, os estados serão substituídos por uma administração internacional, pois todos serão igualmente donos dos meios de produção, através da socialização universal dos mesmos. Não haverá mais possibilidade de exploração do homem sobre o homem, de lutas de guerras, de desigualdades; mas haverá uma era definitiva de igualdade, de prosperidade, de paz universal, na qual não terá mais lugar para os feitiços burgueses da família, da pátria, da religião, criados para defender os privilégios dos ricos, e perpetuar a exploração dos proletários.

ANÁLISE CRÍTICA DO MATERIALISMO MARXISTA

Muitos vêem no materialismo marxista exclusivamente um erro, o mais grave da história e só se preocupam em condena-lo. Este método é inadequado para uma análise crítica, porque não permite de colher o significado do marxismo, i.é. o que isso significa para o marxista. Este significado aparece só quando o marxismo venha situado no seu contexto teórico e existencial. Sendo pois que cada homem é fundamentalmente orientado para a verdade e os valores autênticos, se deve admitir que o significado do marxismo para o marxista é constituído mais pelas verdades que ele implica do que pelos erros em que se exprime, mais pelos valores autênticos que ele afirma do que por aqueles que ele nega.

Compreender portanto uma ideologia significa perguntar-se quais são as verdades que entende afirmar, e os valores aos quais entende aderir.

Por outro lado aceitar o marxismo como se fosse a solução de todos os erros e injustiças de que são responsáveis exclusivos os crentes e capitalistas é também método inadequado de análise crítica: o marxismo não se resolve nem nos seus erros nem nas suas verdades, mas resulta de uns e das outras.

É preciso admitir que hoje é difícil assumir uma atitude de diálogo com o marxismo porque as divergências ideológicas envolvem conflitos políticos nacionais e internacionais, lutas sociais e económicas; porque os limites impostos à liberdade religiosa, política, cultural... nos países onde ele detem o poder, fazem duvidar da sinceridade com que o diálogo é aceito e oferecido.

Não se pode porém negar que o marxismo se apresenta hoje numa forma espetacular e maciça; seu sucesso no mundo contemporâneo é inegável e clamoroso: ele atrai as massas e os intelectuais, pobres e ricos, povos de antiga cultura e povos jovens. Tem seus militantes convictos, apaixonados, generosos, seus heróis, seus martires. Suscita em milhões de adeptos uma fé, um entusiasmo, um fanatismo que não é simplesmente fruto do comando. É verdade que seu sucesso é devido em grande parte à miséria material das massas que dispõe de governos totalitários, de uma propaganda sem escrúpulos; mas tem que se reconhecer que militam a seu favor elementos positivos inegáveis: ha uma ascese e uma mística comunista, um espírito de sacrificio total, um esforço gigantesco de persuasão e de adotrinamento que explicam ao menos em parte seu poder de sedução.

MARXISMO COMO FILOSOFIA DA PRAXE

Por Praxe na ideologia marxista se entende a ação concreta, eficaz, realizada pelo proletariado para transformar o mundo, seja como natureza, seja como sociedade e torna-lo digno do homem. Em quanto transformadora da natureza a praxe é trabalho, produção, técnica; em quanto transformadora da sociedade é ação política militante, revolucionária. No sistema marxista a praxe é assumida como critério de verdade e de valor; isto é: é verdadeiro, é valor tudo que contribua ao sucesso da praxe; é falso, é mal tudo aquilo que a tal sucesso se opõe.

A ação naturalmente se considera "bem sucedida" quando ela realiza o grande valor da liberdade, em sentido ético e econômico.

Este critério porém é sustentado mais que por uma constatação científica, histórica por uma fé inabalável no sucesso final da história.

Existe portanto na base do sistema marxista uma certeza absoluta fundamentada nas leis dialéticas da história e uma confiança total no homem como realizador da história. O inteiro sistema existe em função desta certeza de base: a realidade material é contida em modo tal a tornar possível a liberdade, seu triunfo final através da ação humana; e esta por sua parte deve organizar-se em modo a ser libertadora.

MARXISMO É UM HUMANISMO ?

Por humanismo se entende uma doutrina que afirma o valor do HOMEM, SUA DIGNIDADE e mais exatamente que afirma ser o homem um FIM, e rejeita conseqüentemente qualquer forma de dominação que faça do homem um meio nas mãos de um patrão. É este o conceito fundamental de liberdade - autonomia na ideologia marxista. Não significa portanto livre arbítrio, ou capacidade de escolha, nem muito menos recusa de um imperativo moral. A liberdade do homem porém não é um fato já realizado, a análise da história mostra uma dramática situação: o homem é concretamente privado da liberdade, instrumentalizado, escravizado, em luta contínua pela sua libertação, pela sua humanização. A história do homem é história da salvação. O marxismo se apresenta como a ideologia da salvação: ele levará o homem à liberdade final definitiva.

Como a liberdade é o supremo valor, assim a alienação é o supremo mal. Alienação se define em relação ao homem ideal, qual deve ser, isto é livre. Alienação nos vários aspectos de sua significação:

a) O homem é alienado quando ele não é qual deve ser, lhe falta alguma coisa daquilo que deve ser: alienação é empobrecimento, carência, privação.

b) Quando lhe falta algo de si mesmo: alienação é mutilação.

c) A parte de que é carente, de que foi privado, se encontra em algum modo fora dele, possuída por outros; sua essência ideal é diferente daquela real; ele foi expropriado dela, ele se tornou como um estranho a si mesmo. Seu ser ideal está projetado fora dele, é irreal, imaginário, estranho. Alienação é "estranhação".

d) A existência imaginária que o homem projeta fora de si gera nele a ilusão de possuir realmente aquilo que ele possui só idealmente e ele se identifica psicologicamente com esta existência imaginária que se torna assim uma "substituta" da realidade. Alienação é uma identificação.

e) Esta parte imaginária do homem que está fora dele é motivo de conflito, de contradição entre seu ser real e seu ser ideal. Alienação é contradição.

f) A essência ideal do homem é definida pela liberdade, isto é pelo seu caráter de fim. Conseqüentemente a alienação consiste em ser reduzido a objeto, a meio, a servo. Alienação é servidão.

Para superar a alienação o homem deve antes de tudo recuperar aquela parte de si que lhe fora confiscada, resolver sua contradição reencontrando a si mesmo, realizando seu ser ideal, tornando-se isto é aquilo que deve ser; só assim será realmente livre.

Mas quem é o homem de que o marxismo proclama a grandeza? O homem singular ou o homem coletivo? Para o marxismo o homem isolado é uma abstração, ele é essencialmente relativo à sociedade; porém não se pode identificar sem mais o homem marxista com a coletividade, porque a história é orientada rumo um tipo de sociedade na qual não haverá mais nem classes, nem partidos, nem estados e na qual cada indivíduo se realizará como fim, em plena liberdade. A sociedade perfeita seria caracterizada por esta harmonização da liberdade de cada um.

Entretanto porém a humanidade atravessa um período de transição e vive em regime de emergência no qual o bem individual está sempre subordinado ao bem comum, com muitas renúncias e sacrifícios, até da vida se for necessário.

MARXISMO É UM HUMANISMO E C O N Ô M I C O

A libertação do homem arrisca de ficar uma abstração se não toma em conta a situação real. Ora a história mostra a função decisiva que nela exercem as condições materiais o melhor as condições de produção dos bens materiais: forças produtivas e relações de produção. Em particular na nossa época o desenvolvimento técnico parece comandar a história.

As próprias atitudes psicológicas, as ideologias, as expressões artísticas, culturais, religiosas, os acontecimentos políticos são condicionados quasi determinados pelas condições de produção dos bens de consumo.

As condições de produção constituem como as infraestruturas da história e todas as outras manifestações do homem representam as superestruturas.

As superestruturas são comandadas pelas infraestruturas.

Não é que o marxismo considerará as condições de produção como único fator da história, mas o fundamental. Admite uma certa autonomia e eficácia à certas superestruturas, em modo especial às ideologias e a certos valores individuais. Mas a nível das grandes massas e dos grandes períodos quem determina a história é o fator econômico.

Sobre esta certeza se baseia a possibilidade de fazer da história uma ciência com suas leis necessárias, com suas previsões proféticas, com sua organização científica da praxe revolucionária.

Também todas as alienações do homem são causadas pela alienação econômica. O conflito entre capital e trabalho gera a dominação de uma classe sobre a outra, gera a imposição de um determinado tipo de governo e de todas as estruturas políticas e sociais que, feitas para defender os interesses da classe possidente, legalizam a desordem constituída. São estas infraestruturas que geram as superestruturas, em modo especial as ideologias político econômicas. Pois em cada regime econômico existe uma certa ideologia que o teoriza, o justifica e lhe dá garantia de estabilidade.

As ideologias são racionalizações de uma determinada condição objetiva.

História da filosofia só é possível tendo como fundo a história da economia. Este condicionamento econômico do pensamento é a forma típica que assume a historicidade da verdade no marxismo. Trata-se também aqui de uma lei histórica válida pelas grandes massas e os grandes períodos, sem desconhecer a eficácia de ideologias autônomas em indivíduos e pequenos grupos, em períodos de tempo limitado.

A alienação fundamental é gerada nas relações de produção (patrão-empregado)

No regime capitalista as relações de produção são tais que as novas riquezas, fruto do trabalho do proletário, irão na realidade em benefício do patrão, aumentarão o capital dele e conseqüentemente o poder opressivo.

A riqueza que pertence ao trabalhador, lhe vem subtraída e se revolve contra ele, porque torna o patrão sempre mais rico, prepotente e opressor (enquanto com o novo capital acumulado poderá adquirir novos meios de produção e oprimir outros proletários) e o operário será sempre mais pobre, oprimido, explorado. Nisso consiste essencialmente a alienação econômica.

Se no mundo marxista a alienação é o mal, a alienação econômica é o mal radical, o "pecado original". Enquanto no mundo cristão os desequilíbrios morais, os desvios intelectuais, as desordem sociais tem sua origem no egoísmo de cada homem, no mundo marxista tem sua origem exclusiva na alienação econômica. O pecado é o regime capitalista.

Daqui nasce um novo conceito de liberdade. A liberdade não se resolve naquela econômica mas se baseia nela. Portanto a libertação deve realizar-se antes de tudo no terreno econômico: Transformando as condições econômicas, será transformada infalivelmente a inteira situação humana, serão superados todos os desequilíbrios, todas as alienações. O homem livre da servidão econômica será sem mais livre. Destruída a culpa original, desaparecerão todas as outras conseqüências.

Mais claramente: definimos praxe como a ação transformadora da natureza e da sociedade para tornar o mundo digno do homem. Ora a ação libertadora do proletariado deverá resultar numa transformação da natureza no sentido de conseguir um domínio sempre mais completo dela, e numa transformação da sociedade, para instaurar nela uma ordem nova de felicidade definitiva.

Domínio da natureza significa progresso técnico. Ora para o capitalismo o progresso humano se resolve no progresso técnico; enquanto para o marxismo o progresso técnico não é progresso humano se não em quanto traz consigo uma transformação das relações humanas.

Para entender melhor o valor absoluto que tem a liberdade econômica no sistema marxista precisa entender o sentido e o valor do trabalho no mesmo sistema. O trabalho não é um simples meio de sustentamento, menos ainda uma punição por uma culpa originária, mas é a atividade natural com a qual o homem se afirma como homem, cria a si mesmo, se liberta dominando a natureza, humanizando-a. No mundo que é pura matéria o homem tem o seu sentido

em quanto ele é um ser produtor, transformador da natureza. Se o homem é essencialmente um ser relativo à natureza e à sociedade, todo o conjunto de suas relações se baseia na sua produtividade. A dignidade do homem não vem do sangue, nem do dinheiro, sim de suas reais capacidades, que são antes de tudo aquelas produtivas. O homem se cria através de sua atividade.

Afirmar a dignidade do homem é afirmar a dignidade do trabalho. A análise portanto da alienação econômica denuncia a uma situação desumana; a maior parte da humanidade tormentada pela fome, pela miséria, em condições de trabalho injustas e precárias, privada das infraestruturas materiais que lhe consenta de viver uma vida verdadeiramente humana. O marxismo a estes dramáticos problemas propõe uma solução que em muitos casos pode aparecer como a única concreta.

O ideal da libertação do homem recebe no marxismo um caráter bem concreto e o problema econômico se torna um problema ético.

De fato a alienação econômica, mal radical da humanidade, é ao mesmo tempo um mal moral; é a injustiça fundamental, uma imoralidade incorporada nas próprias estruturas econômicas e políticas. Dela nascem todos os desequilíbrios da vida moral, todas as injustiças objetivas e todas as atitudes de egoísmo subjetivo, de individualismo que caracteriza o homem da era capitalística. A praxe que tende a superar a alienação econômica é portanto a rebelião da consciência moral contra uma situação imoral.

A luta entre marxismo e capitalismo é a luta histórica do bem contra o mal. O reino de bem-estar econômico e liberdade que visa instaurar, será ao mesmo tempo o reino da moralidade que consagrará a vitória final do bem.

E o homem se encontrará como confirmado num estado de "santidade" definitiva. A religião na ideologia marxista é considerada uma forma de alienação porque essencialmente conexa com a alienação econômica; de fato induz o proletário a resignar-se à injusta situação em que se encontra.

A religião é a aliada natural do capitalismo, da reação. E sendo anti-progressista a religião é imoral. Pecado não é irreligião, mas a religião.

O homem religioso é psicologicamente e moralmente anormal. A religião é alienante não tanto porque projeta o homem numa realidade ilusória, e como tal é uma forma de ignorância, quanto porque cria um sistema utopista de valores que distraindo dos problemas reais, ostaculam a ação libertadora do proletariado.

MARXISMO : HUMANISMO ATEU

Um dos aspectos mais significativos da realidade contemporânea é a radicalização da alternativa religiosa. Ao início da era moderna, a reforma protestante colocava o problema da escolha pro ou contra o catolicismo; a revolução francesa, propondo o ideal de uma religião natural, solicitava a escolha pro ou contra o cristianismo; a revolução soviética exige uma tomada de posição pro ou contra Deus.

O ateísmo que em outras épocas se apresentava como um fato de exceção e de clandestinidade, se tornou hoje um fenômeno de massa, se exprime em movimentos militantes; constitui a ideologia oficial de imensas nações; penetra nas doutrinas filosóficas, na literatura, no cinema, na psicologia, na sociologia, na arte, nas interpretações da história religiosa e civil, na arte...até constituir um clima de cultura e de vida.

Analisado profundamente nas suas causas, este fenômeno se revela como a radicalização dos grandes problemas do mundo moderno, e mais ainda dos problemas eternos do homem revividos no âmbito da sensibilidade moderna. Se, portanto, o ateísmo é circunscrito como fato, ele é universal como solicitação e como risco: é universal como problema.

A ideologia marxista pretende apresentar-se como um sistema de valores. Neste sistema qual posição ocupa a problemática do ateísmo? Quais seus motivos inspiradores?

O marxismo se apresenta como um humanismo absoluto, cujo centro é o homem; no qual portanto não pode ter lugar para Deus. O ateísmo marxista se põe portanto como uma crítica à religião que se baseia sobre uma irre realidade, e que nas suas realizações históricas, sociológicas, psicológicas se apresenta como aliada de todas as causas que alienam o homem. Por isso o ateísmo marxista, como alias todas as expressões do ateísmo ocidental é originariamente um fenômeno postcristão. Na difusão do comunismo no mundo oriental, o ateísmo assumirá vários vultus, em função das religiões que encontrará: se apresentará portanto como um ateísmo postislâmico, postbudista, postinduista...Para entender a atitude que o marxismo assume perante o cristianismo, é portanto necessário reconstruir a imagem que Marx se fez dele. Isso nos permitirá de saber qual tipo de cristianismo Marx critica e por outro lado nos revelará as origens cristãs de muitas ideias que Marx herdou da teologia de Hegel e de Feuerbach.

O homem é fim, fim a si mesmo. Mas não pode ser tal se não em quanto é artífice de sua história, dono de seu destino. Segundo a ideologia marxista o homem cria a si mesmo através de sua atividade, de seu trabalho, na liberdade (sem servidão alguma). Mas a eficácia do homem na construção da história é incompatível com a afirmação de Deus-patrão. Se existisse Deus, Ele seria o artífice da história; ao homem não restaria se não abandonar-se passivamente à ação dele, executar seus infalíveis desenhos eternos: ele se tornaria espectador da história. "O homem propõe e Deus dispõe". Se Deus é o patrão, o homem só será o escravo. Trata-se de novo de escolher entre Deus e o homem. O marxismo escolhe o homem. Deus não existe, porque tornaria impossível a ação do homem; e mais ainda anularia o valor do homem.

(Esta tese encontra respondência na interpretação luterana do pecado original, que reduz o homem à impotência absoluta na ordem moral; a salvação, de fato, se realizaria independentemente das obras do homem, pela simples imputação extrínseca dos méritos de Cristo.)

Sinalamos a este ponto uma grave dificuldade interna ao sistema; como conciliar a certeza que a história procede segundo leis necessárias (leis da dialética) rumo a um infalível sucesso final e a afirmação da autonomia e da eficaz iniciativa do homem. Se escolhe-se o determinismo, não há lugar para a liberdade. O homem libertado da servidão a Deus é reduzido a peão no xadrez da história.

Outra razão pela qual o humanismo marxista desenvolve em sentido ateu está no fato que o marxismo pretende ser um humanismo exclusivamente terrestre. Para o marxista a terra é a sua pátria, não um exílio, um vale de lágrimas. Ser finito e terrestre, ele aspira naturalmente a bens finitos e terrestres, que julga suficientes para satisfazer plenamente suas aspirações. A inquietação congênita do homem não invoca o superamento do finito rumo o infinito, nem do tempo rumo o eterno, mas impele para um progresso sem fim, para um contínuo superamento do presente rumo o futuro. Ora a religião com o prospecto de uma vida beatífica futura, não só atribue ao homem aspirações que efetivamente não tem, mas indicando-lhe estas perspectivas de felici-

dade ultraterrena o distrae de suas tarefas terrestres, criando-lhe a psicologia do exilado, induzindo-o a aceitar como inevitáveis ou insignificantes ou meritórias as suportações da miséria, da injustiça, da opressão. A vida verdadeira não seria esta, mas outra e o homem não pode construí-la, mas só esperá-la...A religião acaba com favorecer o imobilismo, o conservadorismo, com justificar os regimes injustos e opressores, tornando-se cúmplice, e até consagrando-os com o carisma da legalidade ou da investidura divina. Neste sentido a religião é uma droga, um entorpecente que favorece todo tipo de alienação, que obstaculiza a libertação do homem da servidão no plano político, econômico, social. O fenômeno religioso se explica como um mecanismo de defesa, pelo qual o homem procura um mundo de valores ilusórios como resposta a problemas reais que não conseguiu resolver: uma compensação às suas tendências frustradas, um prêmio de consolação nas derrotas...Para o marxismo a liberdade e a felicidade são possíveis e o são nesta terra. A era messiânica se deve realizar na terra, através de uma radical transformação da atual situação. Mas o marxista não espera a libertação de Deus ou de seu messias: o messias é ele mesmo. Ele chegará infalivelmente a alcançar uma era definitiva de fraternidade e felicidade, com uma sociedade sem classes sem estados, sem leis, de homens livres, plenamente realizados.

O humanismo marxista exprime também a certeza que a existência terrena da humanidade não terá nunca fim. Não haverá nenhum fim do mundo: a matéria e o homem são necessários. A eternidade é portanto concebida como uma sucessão de anos sem fim; a imortalidade do indivíduo é substituída pela imortalidade da humanidade no seu conjunto.

Precisa reconhecer que esta visão do mundo não tem como resultado (como frequentemente se fala) de libertar o homem de seus empenhos morais, cria, aliás, empenhos novos. De fato, enquanto uma certa visão escatológica da vida, estranhando o homem da vida presente, lhe consente eludir as exigências da luta contra a injustiça, de refugiarse numa cómoda ética de resignação, de esperar no além a solução dos problemas, o triunfo final do bem, a visão do humanismo terrestre o chama energicamente às suas tarefas imediatas, para a atual transformação do mundo.

Basta por agora lembrar que Hegel, Feuerbach e Marx conheceram o cristianismo na sua versão luterana, a qual, por sua vez, entende inspirar-se a G. Occam e a Sto Agostinho; e que Marx, Lenin e seguidores consideram a igreja como instituição histórica quasi exclusivamente na sua relação efetiva com os regimes políticos e econômicos.

Como já dissemos, nossa análise crítica nos leva a responder à duas ordens de perguntas. Quais os motivos inspiradores do humanismo marxista? porque estes motivos se desenvolveram em sentido ateu e anticristão?

O marxismo se apresenta como uma doutrina que afirma o valor essencial do homem, sua dignidade, como algo de absoluto; o homem é UM FIM, é O FIM. O marxismo recusa portanto qualquer forma de servidão, que faça do homem um meio nas mãos de um patrão.

Este é o conceito fundamental de liberdade. Tudo que se opõe a esta liberdade é alienação. Alienação consiste no ser reduzido a meio, reduzido a servo. A liberdade é o valor supremo; a alienação é o mal supremo.

É a este nível "dos fins" que explode o conflito radical entre marxismo e cristianismo. Para Marx a essência da religião está na dependência total do homem em relação a Deus, no seu ser exclusivamente servo de Deus. Para Marx o relacionamento religioso é identificado como o relacionamento entre patrão e escravo. Ora o escravo é uma coisa do patrão, ele não tem, como tal, uma finalidade própria, um valor próprio. Se o marxismo afirma o valor absoluto do homem, seu ser "o fim", não ha alternativa livre, precisa escolher entre Deus e o homem. O marxismo escolhe o homem. Negar a Deus é necessário para afirmar o homem. A religião é portanto uma forma de alienação em sentido absoluto, porque por ela o homem é privado do seu direito fundamental, o de ser um valor absoluto, dono de si mesmo, que lhe vem usurpado por Deus.

"Deus não existe, porque se não, não teria lugar para mim" (Sartre)

Mais ainda : para o marxismo o homem não é só o ser supremo, o valor supremo, mas é também a razão de ser última de toda a realidade.

A realidade se evolue por saltos qualitativos ascencionais e finalizados. O homem é o último degrau, o fim último, portanto a razão de ser de toda a realidade.

MARXISMO, HUMANISMO COMUNITÁRIO

Segundo Marx o homem isolado é uma abstração. O homem real é o organismo social; ou seja o homem visto no conjunto orgânico de todo o universo: que não é catorva de coisas e fenômenos, mas um conjunto coerente e unitário no qual os seres e os fenômenos estão essencialmente interligados e se condicionam reciprocamente. O homem existe como num tecido de relacionamentos tão essenciais e contínuos com a natureza e com a sociedade que é impossível imaginá-lo se não nesta totalidade. A essência do homem é social.

A dimensão comunitária é essencial ao homem no plano do ser e do dever ser, ou seja, da sua realidade e do seu valor. O homem tanto mais é homem quanto mais se integra na comunidade.

Mas historicamente o homem pode ser (e foi) integrado como meio ou como fim, i.é, como escravo ou como livre. A humanidade ideal para qual está orientada a história, é uma humanidade de homens livres e iguais, pois o indivíduo não pode realizar-se como fim, a não ser numa comunidade sem classes, sem estado, sem leis... onde todos os membros são fim. Isso evidentemente implica por parte de cada um o superamento de seu individualismo, de seu egoísmo (que visa dominar os outros e reduzi-los a meios) Em palavras mais explícitas a liberdade não pode realizar-se se não no amor. A sociedade futura será uma comunidade de amor. Esta ideologia baseia-se na fé que a sociedade do futuro não é utopia mas fez necessário da história.

Ora para caminhar no sentido da história, precisa construir uma sociedade na qual o regime de produção (que constitui o fundamento de todo relacionamento humano) seja respeitoso da dignidade de cada homem e na qual cada um dará segundo suas capacidades e receberá segundo suas necessidades. Neste regime o egoísmo (que é fruto da alienação econômica) será definitivamente superado e os relacionamentos entre os homens serão espontâneos, regulados unicamente pela justiça e pelo amor; enquanto no sistema capitalístico o homem vive numa situação de alienação total, seja porque é privado de sua liberdade e reduzido a meio pelos outros homens e particularmente pelo estado, seja porque é privado de sua essência comunitária. A libertação da alienação, portanto, não pode ser resolvida só no aumento da produção, nem numa mais equa distribuição dos bens de consumo, mas implica necessariamente numa transformação dos relacionamentos humanos, no sentido da justiça e do amor.

Ora esta ação transformadora, para ser eficaz, deve unir num único movimento de rebelião todos aqueles que sofrem a mesma escravidão: "proletários do mundo todo uni-vos". Para o marxismo o verdadeiro protagonista da história, o libertador, é a comunidade humana na sua expressão melhor: o proletariado. A solidariedade dos proletários é portanto essencial, e, para ser eficaz, deve ser geral e universal: unir a todos numa comum luta de libertação. Esta unidade deve realizar-se no plano da organização e da ação. Os proletários sabem de ser uma parte da humanidade e, em forma organizada, uma pequena parte, sabem porém de ter uma missão universal da qual depende o destino da inteira humanidade. Para cada proletário, portanto, o sucesso na vida coincide com o sucesso de sua classe. O marxismo é portanto um humanismo classista, mas só provisoriamente, para realizar mais eficazmente sua ação libertadora. Para que esta libertação seja verdadeiramente possível, é necessário que cada proletário a considere como o valor supremo, ao qual deve subordinar seus interesses pessoais, e que ele viva em perspectivas comunitárias. Sua vocação é lutar e sacrificar-se por um ideal que será certamente realizado, mas talvez, só pela humanidade de amanhã. Ele não chegará a ver seu triunfo; mas a certeza de lutar por uma causa justa e nobre, de caminhar no sentido da história, lhe dará a consciência de não ter vivido inutilmente.

Deste ideal comunitário brotam umas consequências lógicas:

1º A exigência de organizar-se - O partido é a expressão desta exig.

O partido recolhe e organiza os elementos mais ativos do proletariado e por meio deles enquadra a inteira classe. Toda ação libertadora deve ser dirigida pelo partido. A obediência às diretrizes do partido sintetiza todos os imperativos morais do proletário, pois o partido é como a consciência do proletariado, já que interpreta sentimentos e interesses da inteira classe. Isso implica, por um lado, uma obediência que exclua todo arbítrio e, por parte da autoridade, um contacto contínuo com as massas, pois é na consciência coletiva delas que se exprime a voz da história. A consciência individual, de fato, pode errar, mas a consciência das massas é infalível.

Portanto a estrutura do partido deve ser democrática: toda decisão deve ser precedida por uma larga consultação democrática e tomada em forma colegial.

2º A consciência que, vivendo comunitariamente para a realização da sociedade ideal, está caminhando no sentido da história, confere ao proletariado a certeza de chegar à conhecimentos objetivos, à verda-

proletariado a certeza de chegar a conhecimentos objetivos, à verdade absoluta. O marxismo não é uma das tantas ideologias geradas na história, mas aquela que reflete a ordem objetiva, a visão absoluta e definitiva do mundo. Porém, para ser espelho da realidade, a ideologia marxista não pode ser fruto de pensadores isolados (pois como tais estão expostos ao erro) mas fruto de um trabalho coletivo, dirigido e planejado pelo magistério vivo do partido. Daquí a visão coletivística e partidária da verdade.

3º Onde o partido comunista chega ao poder, ele deve conduzir a população inteira a viver o ideal comunitário, a fazer coincidir os próprios interesses com os interesses da comunidade. Como é fácil entender, a atuação deste programa deve pertizer da esfera econômica: a produção deve ser organizada em função das necessidades efetivas da comunidade. Os frutos do trabalho de todos devem ser postos a serviço de todos. A riqueza tem uma função essencialmente social.

Mas este programa não pode ser atuado sem uma decisiva intervenção do estado e a nacionalização dos bens de produção. Em regime de propriedade privada e livre iniciativa, o estímulo do trabalho é o interesse próprio, e o fruto va em benefício de alguns . os capitalistas. É o egoísmo institucionalizado.

4º Nova visão da família - O marxismo se opõe à visão burguesa do matrimônio que faz dele um egoísmo a dois, ou um egoísmo de grupo. Não admite o amor livre, polemiza contra a libertinagem e o exibicionismo sexual do mundo ocidental. Para o marxismo o matrimônio tem um significado antes de tudo comunitário: é um serviço que se presta à causa da revolução, gerando e formando militantes. É nesta base que se resolve a escolha do conjuge, a regulação dos nascimentos, e eventuais problemas de divórcio. Assim, só o estado socialista pode garantir a verdadeira educação dos filhos, a qual não pode ser deixada às visões subjetivas dos pais, mas conduzida segundo as exigências da ordem objetiva, em vista, isto é, da futura sociedade comunista. A família, a escola privada pode formar ao máximo o homem "privado", burgues; o partido, como expressão da comunidade, pode formar o homem comunitário.

5º Austeridade - Este estilo novo de vida impõe a todos, e especialmente aos privilegiados do antigo regime, renúncias muito graves . As exigências do bem comum impõem transformações radicais das estruturas, das habitudes de vida, e não podem ser atuadas sem sacrifícios.

Portanto nesta fase de emergência deve ser imposto um regime de alta tensão, de austeridade, para todos e por inteiras gerações.

6º - Nestas condições a eficácia e a continuidade da ação libertadora exigem um regime político socialista forte e estável. Portanto lá onde o proletariado conquista o poder, os outros partidos não tem mais razão de existir: pois seriam expressão de interesses particulares em conflito com os interesses da coletividade. Não teriam outro efeito se não obstacular a promoção da humanidade e atrasar a marcha da história. Se impõe portanto um regime forte, no qual possam se expressar só as forças proletárias e sejam eliminadas todas as organizações disfatistas e reacionárias.

O bem e a verdade tem todos os direitos, o mal e o erro nenhum.

Ora as forças sadias da nação estão enquadradas no partido proletário: este deve portanto ser o único. Um tal regime chama-se de "democracia popular" ou "ditadura do proletariado". A ditadura, é lógico, não é um regime ideal, definitivo, mas transitório, imposto pela atual situação de emergência. Ele é como o estado, um mal necessário, até que se chegue à sociedade ideal.

No ocidente a democracia, a liberdade são puramente formais: pois são reconhecidos a todos muitos direitos, sem que seja dada a possibilidade efetiva de exercê-los. O poder permanece nas mãos dos capitalistas, e portanto uma minoria dirige a sociedade em função dos próprios interesses, impondo uma verdadeira ditadura de classe...

Não resta que escolher.

7º - O bem comun deve ser tutelado também com a intolerância ideológica. Qualquer ideologia, que não seja a marxista é contrarrevolucionária: é uma ameaça para a causa do proletariado e deve ser combatida.

O erro não tem direitos, poderá, ao máximo, ser tolerado momentaneamente, para evitar males maiores.

O cristianismo também é rejeitado por Marx que o considera como a consagração do individualismo e do egoísmo e portanto um obstáculo absoluto para o homem alcançar sua dimensão comunitária.

Para o marxismo a liberdade de consciência que se deve garantir às pessoas é a liberdade das consciências do íncubo religioso. Razões de oportunidade podem aconselhar de tolerar a sobrevivência da religião, mas ela deve ser considerada absolutamente negativa à vida da nação.

MARXISMO : HUMANISMO REVOLUCIONÁRIO

Na sua ação libertadora o proletariado choca necessariamente contra os interesses dos capitalistas. Estes pretendem defender a toda custa a legalidade da "ordem constituída"- a qual, na realidade, foi constituída em função de seus interesses e não dos interesses da inteira comunidade.

A ação libertadora do proletariado se torna portanto necessariamente uma luta organizada e guiada pelo partido. Cada marxista é um combatente.

Esta luta se combate principalmente no terreno econômico, mas com um profundo significado moral, porque é luta do amor contra o egoísmo.

A luta econômica e social é a força motora da história, nada fica estranho a ela, nada é neutral. Não ha cultura, filosofia, arte, literatura, ciência, cinema...que possam ser neutrais; pois ou lutam para o progresso, ou favorecem a reação. O marxismo não se contenta em denunciar as causas da alienação econ., mas visa suprimi-las. Em sua luta o proletariado não pode permitir-se de obter só concessões e favores no ambito das atuais estruturas, pois são as próprias estruturas a ser injustas e opressivas, a legalizar a exploração. Não podem portanto ser suficiêntes reformas, melhoramentos; o que se impõe é a revolução. O sucesso da ação libertadora coincide com o sucesso da revolução. É a lei da dialética da história, aliás da dialética de toda a realidade: progresso autêntica não se dá por mudanças quantitativas, mas por radicais mudanças qualitativas. Não adianta aumentar o salário, o que precisa é mudar radicalmente a estrutura que cria o salário. São as revoluções as locomotivas da história. É a violência a "parteira de cada velha sociedade gestante uma nova sociedade". Revolução significa mudança qualitativa, mas não necessariamente violenta. Porém frequentemente as resistências da classe dominante são talmente fortes e violentas que não podem ser vencidas se não com a violência. La onde os métodos não violentos se revelam ineficazes, a violência se torna legítima e obrigatória, como um gesto de legítima defesa. E como a praxi revolucionária é critério da verdade e do valor: é verdadeiro e bom tudo que contribue ao sucesso da revolução; e é falso, é mal tudo que é contrarevolucionário. Neste princípio se compendia a ética marxista; pois ela consiste na adesão consciente e livre às leis da história: de fato é bem o que vai no sentido da história.

A dialética não é só lei filosófica ou histórica, e também lei moral.

MARXISMO - HUMANISMO CIENTÍFICO

O Marxismo pretende ser um humanismo científico: uma visão certa e orgânica do mundo, elaborada com método crítico e experimental, ou seja um sistema de verdades e valores que se afirma com uma certeza absoluta. O marxismo se apresenta como uma ideologia capaz de dar um sentido a todos os aspectos da realidade, da história, da vida, projetando sobre cada pormenor a luz do conjunto: pois o marxismo pretende ter uma explicação para tudo que existe e tudo que acontece. E esta certeza e organicidade da ideologia se reflete na personalidade do militante marxista, que se apresenta como um homem seguro, convicto, com uma personalidade unificada pela sua fé a qual permeia todas suas atividades, sua inteligência, afetividade, ação, vida particular e social, vida íntima e pública. Sua visão do mundo pretende ser rigorosamente crítica, plenamente justificada; não aceita por sentimento ou autoridade divina, mas conquistada e justificada, a cada passo, pela racionalidade.

O marxismo afirma ser a única ideologia que torna possível a ciência, por ser uma ideologia materialista. De fato só uma filosofia que exclua o mistério e reconheça a realidade da matéria, sua causalidade, seu determinismo torna possível a ciência, a qual é conhecimento das causas materiais que fornecem a explicação verificável dos fenômenos. As filosofias espiritualistas admitem o mistério e a existência do espírito, uma realidade que foge ao domínio do conhecimento humano. Por isso torna impossível a ciência. Daqui a oposição radical do marxismo à visão religiosa do mundo. O marxismo se opõe à religião: 1º pelo seu método de conhecimento, que é o da autoridade e da inspiração, 2º pelo seu conteúdo: isto é de um "Deus ex machina", de uma explicação mágica, que substitue a explicação científica. Para o marxista cada progresso da ciência, cada conquista da técnica é uma prova da não existência de Deus. O marxismo negador de toda fé religiosa, não se apresentaria, por sua vez, como uma experiência religiosa? Se é verdade que cada ser humano tende a unificar e alicerçar sua personalidade sobre um sistema de valores, o marxismo se apresenta como uma experiência de uma fé que investe todos os aspectos da realidade e polariza todas as energias colocando-as ao serviço de uma causa ideal, dando ao militante a certeza de estar caminhando no sentido da história. Apresenta-se portanto como um movimento sedutor, como uma alternativa histórica ao cristianismo

ANÁLISE CRÍTICA DO HUMANISMO MARXISTA E PROPOSTA ALTERNATIVA DO HUMANISMO CRISTÃO

Na tentativa de fazer uma análise crítica do humanismo marxista, contrapondo como alternativa o humanismo cristão, poderíamos ser tentados de polarizar nossa atenção sobre as divergências profundas entre os dois sistemas: religião e ateísmo, espiritualismo e materialismo, eternidade e temporalidade... Todavia, sem negar as consistências dessas contraposições, temos de reconhecer que uma resposta ao marxismo não pode ser dada a não ser partindo dos problemas que ele levanta e para os quais fornece uma solução. Problemas, alias, que refletem gravíssimas preocupações, largamente difundidas na nossa época e perfeitamente pertinentes à uma autêntica sensibilidade cristã. É claro que acolher os problemas do marxismo, não significa aceitar suas soluções, como também não significa rejeitá-las indiscriminadamente; mas procurar a verdade, seja onde for que ela se encontre. Hoje em dia fala-se com sempre crescente frequência de "divisão de tarefas" entre a religião e a política. A religião deveria ocupar-se do céu, deixando a terra para a política, ocupar-se de Deus deixando para a política o homem. Tenta-se, isto é, de reduzir o cristianismo a uma pura "religião", a uma mensagem puramente transcendente, teológica, escatológica, para que deixe para a política, o espaço antropológico e terrestre da experiência humana.

Mas o cristianismo é, na sua essência, "a" resposta ao problema do homem, de todos os homens e do homem todo, a começar de sua existência terrena. O terreno, portanto, do confronto entre marxismo e cristianismo será o terreno comum do humanismo. Se teremos que rejeitar certas posições marxistas, não será simplesmente por serem antireligiosas, mas por reconhece-las como antihumanas. Cristianismo, de fato se opõe, com igual energia, a toda e qualquer violação dos direitos humanos, seja praticada em nome de sistemas políticos, seja até da própria religião.

CRISTIANISMO E HUMANISMO

O conceito base de humanismo nos parece possa se expressar no seguinte princípio: O HOMEM é um valor absoluto, no sentido que nunca pode ser reduzido a meio, mas sempre deve ser considerado como fim.

Ora este princípio encontra-se no coração do cristianismo: a história da salvação está totalmente ordenada para consentir ao homem, a cada homem de realizar-se como fim. Este é o seu núcleo primitivo, a sua originalidade histórica. Foi o cristianismo quem colocou na história humana este respeito para o homem enquanto tal.

Para o cristianismo liberdade é a plena realização do homem como fim. Ora oferecendo a cada homem a possibilidade de superar tudo que dificulta esta realização, o cristianismo se apresenta como um vasto movimento de libertação. E se tudo que se opõe à liberdade do homem constitui sua alienação, o cristianismo tende a superar total e definitivamente este estado de alienação através de uma luta entre o bem e o mal que é a alma da história. O cristianismo rejeita, portanto, como alienante todo tipo de relacionamento em que o homem seja, por princípio, reduzido a meio, tanto em relação à sociedade, como em relação a Deus. No universo cristão há tantos fins - e neste sentido tantos absolutos - quantas são as pessoas. Isso porém não exclui que haja entre as várias pessoas uma coordenação e uma certa subordinação; antes isso é necessário. A única subordinação alienante é aquela que reduz o homem a meio.

Não podemos, certo, minimizar as dificuldades da coexistência de tantos "absolutos", em particular a de compor sua subordinação e autonomia. O marxismo propõe a solução disso, transformando a dialética do patrão e do escravo numa dialética de amizade. Esta é, mas num sentido muito mais profundo, também para o cristianismo, a chave de solução do maior problema: o da total dependência do homem de Deus.

Como entre homem e homem o superamento da alienação não consiste na eliminação do outro, mas na transformação da relação; assim entre homem e Deus. O marxismo rejeita a Deus justamente porque pensa que a relação entre Deus e o homem seria de patrão para escravo, e o destino do homem estaria dependendo do arbítrio de Deus. Enquanto todo o problema se resolve na dialética do amor: no encontro de duas liberdades. A este ponto poderíamos revirar a questão e nos perguntar se o homem possa realizar-se plenamente, atingir sua plena liberdade na hipótese da não existência de Deus. O homem não esgota o conteúdo de sua liberdade só em não ser reduzido a meio, em saber que ele é um valor absoluto, mas em realizar plenamente suas aspirações profundas, constitutivas do seu ser. Livres sim mas para alguma coisa.

O marxismo afirma que as aspirações do homem são exclusivamente terrestres. Ora as perspectivas terrestres são mesmo suficientes a satisfazer as expectativas do homem? Coloquemo-nos na melhor das hipóteses: a espera da cidade ideal prometida pelos marxistas. E no entanto trilhões de seres humanos morreram e morrerão sem te-la vista. Que pensar de um universo em que tantos homens estão na impossibilidade de se realizar como fim? São definitivamente alienados. Se poderá dizer que seu sacrifício não foi vão, que seu sangue fecunda a terra do futuro. Permanece porém verdade que o indivíduo foi sacrificado para a "causa": em definitiva foi usado, reduzido a meio.

Mas aqueles mesmos que verão surgir o "novo sol", que ahabitarão a "nova terra" se encontrarão igualmente um dia frente a morte, suspensos no abismo do nada. A certeza de ter vivido por uma causa nobre, será suficiente para tirar a angustia da própria destruição? A esperança que a humanidade continuará a viver, a progredir bastará ao moribundo para aceitar sem pesar e sem rebelião seu destino inexorável?

Seja qual for a resposta que se queira dar a estas perguntas, e também se se querem deixar sem resposta, é difícil negar que elas brotem do mais profundo do homem, que constituam o mais dramático problema humano. Se pode rejeitar a resposta religiosa, mas não se pode, sem fazer violência ao homem, rejeitar este problema, ou reduzi-lo a um puro reflexo da luta de classe. Risignar-se pois à própria total destruição, significaria para o homem não desejar mais a vida, renunciar à felicidade à liberdade. Entre morte e liberdade há um conflito total. Que há de fato, de mais contrário à plena realização do homem, de mais alienante que sua anulação total? A morte é a suprema alienação. E não se foge a esta anulação, projetando na comunidade a realização daquele ideal que o indivíduo se vê recusar. Pensar que a comunidade vai ser feliz, vai ser imortal é uma consolação ilusória, é uma alienação que distrae o homem da solução de seu problema pessoal.

Para o marxismo, em definitiva, o absoluto não é o homem concreto, cada homem, mas a humanidade. E se isso é verdade, a libertação do homem não poderá realizar-se plenamente numa vida "mortal". A aspiração à liberdade postula um tipo de existência diferente da presente, mais forte do que a morte: um modo de ser "totalmente outro" no qual o homem possa encontrar-se sem medo de perder-se.

No segredo do homem, lá onde ele encontra a si mesmo, existe um apelo para um mundo de realidades e valores maiores que o homem, maiores que a terra. Mas para responder a estas expectativas do homem, Deus tem que ser Deus: isto é a totalidade do ser e dos valores, e por isso mesmo infinitamente superior ao homem, totalmente outro, totalmente amor para ele.

Ora a realidade da grandeza de Deus, não distorce aquela do homem, mas a constitui. Para ser grande o homem precisa de Alguém infinitamente maior do que ele: precisa que o seu destino esteja nas mãos de um Amor infinito.

É a identidade do ser e do amor em Deus que é, em última análise, o fundamento do humanismo. Esta identidade garante que as leis do ser são, em definitiva, as do amor, e permite assim de dar uma resposta positiva à pergunta sobre o sentido do ser.

O universo cristão é tal que nele cada pessoa tem a possibilidade de se realizar como fim; a salvação é oferecida eficazmente a todos.

Não é portanto a existência de Deus a ser alienante, antes é sua ausência que o seria. Se, de fato, Deus não existisse, o homem não poderia realizar-se. A morte de Deus seria, em definitiva, a morte do homem. O homem que tivesse matado a Deus, não conseguiria sobreviver-lhe.

Mas a liberdade (plena realização) que o cristianismo oferece ao homem, não responde só as suas aspirações mais profundas: ela as supera imensamente. O ideal cristão não é só da plena humanização, mas alcança a divinização.

Deus está tão longe de querer entrar em concorrência com o homem, que toda sua ação criadora está finalizada para diviniza-lo, unendo-o a si. Assim o sonho temerário que o homem esperava realizar recusando a Deus, se realizará somente em força do amor de Deus.

As vias da libertação, da salvação, e da divinização coincidem com aquelas do amor e da unidade.

A história tem um único sentido que leva à unidade com Deus.

Ao centro deste imenso plano de unificação encontra-se um homem que é Deus: um homem que é ligado a Deus em unidade de pessoa.

Mas este homem foi chamado a ser Deus, para que nele fosse chamada a humanidade toda. Ele é, ao mesmo tempo, um homem e o Homem, a Humanidade Nova, cuja história é destinada a fundir-se com a história de Deus. O marxismo apresenta o homem como uma realidade fechada autosuficiente, dotada de desenvolvimento autônomo, mas ilusório pois logo que ele se realiza é destruído pela morte. Enquanto o cristianismo apresenta o homem como uma realidade aberta, existente essencialmente em vista de um encontro que o realizará para uma vida infinita, eterna.

Deus é Amor. Ser e amar em Deus se identificam. Deus opera porque ama: criou o mundo porque ama. O cosmo todo na sua evolução tem uma finalidade: o homem. Deus criou para amar o homem. Deus ama infinitamente: quer para o homem uma felicidade infinita, a sua mesma felicidade, e para tornar o homem (finito) capaz de infinito, lhe doa a sua própria vida divina, o torna Deus, por participação, incorporando-o a Cristo, o Filho.

MARXISMO É HUMANISMO ÉTICO? ALTERNATIVA DO HUMANISMO CRISTÃO

A ética cristã é puramente religiosa ou também humanística? Em outros termos, ela tem como princípio supremo e único a glorificação de Deus ou também a libertação (plena realização) do homem? Ela se baseia unicamente na Vontade de Deus, ou também nas necessidades constitutivas da natureza do homem? A resposta é implícita nas reflexões precedentes. De fato se no universo cristão não só Deus, mas também o homem é dotado de valor absoluto, é lógico que a ética estará orientada também para a libertação do homem. O respeito à dignidade do homem que inspirou a ação criadora de Deus, deve inspirar também a ação do homem. O amor para o homem se impõe a Deus, porque é uma exigência da sua natureza: Deus é Amor. Para ser "justo", fiel a si mesmo, Deus deve ser fiel ao seu amor para com o homem. A lei divina portanto exprime unicamente esta fidelidade de Deus. A ética cristã defende um único direito de Deus: o direito de amar.

Uma ética baseada no princípio arbitrário: "É vontade de Deus" seria alienante. Como aliás é alienante qualquer forma de "voluntarismo" não excluido o partidário, porque afirma um critério ético que prescindem do juízo subjetivo da pessoa humana. A intenção subjetiva permanece assim estranha à valoração moral de um ato, o qual se julga ético só pela sua eficácia verificável (praxe= critério de verdade e de valor) podendo assim ser moralmente culpados sem saber e sem querer.

Pode um homem, sem alienar-se, renunciar a dar o último juízo sobre a orientação a imprimir à sua vida? A vontade do partido assumida como critério ético põe em crise o valor absoluto do homem e portanto o valor humanístico do marxismo, porque relativiza o homem ao partido e assim o aliena. A ética marxista é ambígua também no seu conceito de liberdade cuja componente econômica é fundamental e absoluta. Este conceito, de fato, faz depender a moral da mutabilidade dos interesses de classe, pois não aparecem subordinados a nenhuma outra esfera de valores. O imperativo categórico "Comporte-se de tal modo que a pessoa seja para você sempre fim, nunca meio" é totalmente cristão.

Ele coincide com o mandamento do amor, no qual se resume a moral cristã e sua originalidade histórica. A vida vivida conforme a moral cristã é uma progressiva realização do amor e portanto da plenitude humana. Vida moral é um vasto movimento de libertação.

Mas amor significa desinteresse. Há portanto conflito entre ética do amor e ética do prêmio? O marxismo não considera imoral o empenho revolucionário através do qual o homem procura, com a libertação da humanidade, também sua libertação pessoal. Imoral seria a promoção pessoal se fosse em contraste com aquela comunitária; mas se é armonizada com esta se torna um forte incentivo da vida moral.

Por nobre que seja um sacrifício gratuito, uma generosidade pura, não se pode não julgar absurdo um universo no qual os homens mais nobres não possam realizar-se como fins. Mais uma vez temos que admitir que esta síntese não é imaginável numa visão puramente terrestre da existência humana: nela, de fato, o sacrifício da vida, vértice da generosidade moral, coincide com o retorna ao nada, forma suprema de alienação. A vida moral postula a existência de Deus e a imortalidade do espírito para garantir a convergência entre moralidade e liberdade.

No marxismo o heroísmo é imposto por um regime ditatorial e o apelo dos valores éticos é substituído pelo terror. No cristianismo a certeza de uma outra vida sustenta o crente até o sacrifício total; porque "quem perde a sua vida a salvará".

MARXISMO É HUMANISMO CRIATIVO ?
ALTERNATIVA DO HUMANISMO CRISTÃO

O marxismo pretende ser um humanismo que reconhece o homem como artífice de sua história, dono de seu destino. O homem se cria através de sua atividade. E para tanto afirma a incompatibilidade da ação criativa de Deus e a eficácia da ação do homem na construção de sua história. O cristianismo também reconhece o homem como verdadeiro artífice de sua vida e da história. O cristão porém reconhece que seria ingenuidade atribuir ao homem uma liberdade pura, uma criatividade sem limite, fazendo dele o dono absoluto da história e do universo. Sua liberdade é uma liberdade encarnada na natureza e na história: ele as domina só até a um certo ponto, ma é também condicionado por elas. Se é verdade que o homem liberta o homem, é também verdade que não o liberta plenamente. Não se pode portanto falar de incompatibilidade entre eficácia do homem e sua dependência, entre iniciativa e condicionamento. Queremos dizer que nem toda dependência é alienante para o homem, mas só aquela que se torna obstáculo para a sua realização. Pelo mesmo motivo, nem todo reconhecimento de insuficiência, nem todo senso do limite é lesivo da dignidade humana. Na própria vida moral não é contrário à dignidade humana reconhecer os desequilíbrios do homem histórico, pelos quais ele não é espontaneamente generoso, mas deve ser ajudado para se-lo.

Também o cristão recusa como alienante uma dependência de Deus que devesse reduzir o homem a puro instrumento, tirando-lhe toda incidência decisiva no seu próprio destino. Não vê, ao invés, razões para considerar alienante tal dependência, quando Deus lhe se apresenta como condição de sua iniciativa e de seu empenho ético. Sua dignidade lhe veta talvez de reconhecer que ele está condicionado por seus semelhantes, ou por realidades a ele inferiores? E porque então o senso de sua dignidade teria que impedir-lhe de reconhecer sua dependência de uma realidade superior? Se não lhe veta de reconhecer que ele está inserido num plano histórico, à necessidade do qual não lhe é possível subtrair-se, será que é mais conforme a sua dignidade ver neste plano a lei cega da matéria ou o desígnio luminoso de um Amor? Certo o cristianismo não ignora as dificuldades de compor as exigências da iniciativa divina com as exigências da iniciativa do homem, e reconhece o caráter misterioso desta dialética do amor.

Mas o marxismo como compõe as exigências da história, cujo curso segue as leis determinantes da matéria com as exigências da liberdade criativa do homem e de cada homem? E mais ainda o marxista tem que reconhecer sua impotência perante a morte e portanto a fragilidade do ideal criativo ao qual se consagra. Sua ação mais que de construção, se torna de invocação: de um Amor mais forte que a morte a quem pede o sentido definitivo de sua vida.

Mais uma vez, não a presença de Deus, mas a sua ausência seria alienante, porque deixaria sem apelo a condenação a morte do homem.

Não é possível, em última análise, acreditar na história se não se acredita no amor.

É por esta presença ativa do Amor que o homem vê abrir-se diante de si horizontes de ação criativa infinitos: por ela ele pode trabalhar à construção não só de seu destino terrestre, mas do destino eterno seu e da inteira humanidade. Chamado pois a viver a vida divina, inserido vitalmente em Cristo, o homem vê abertas perspectivas de eficácia que superam imensamente suas possibilidades naturais e que participam da eficácia criativa de Deus.

Já vimos como o destino do homem transcende a terra e o tempo: a liberdade não se realiza, se não se realiza para sempre.

O cristão porém sabe que sua vocação eterna se realiza no tempo, e não só na dimensão religiosa, mas que implica em todos os valores profanos. O humanismo cristão na sua realização histórica, se apresenta em formas bastante contrastantes.

A cristandade medioeval tinha posta o acento sobre o primado dos valores espirituais e dado origem a uma civilização em que todos os valores humanos apareciam permeados de religiosidade: política, ciência, arte, escola, associações ... A autoridade eclesiástica presidia portanto a todos estes setores da vida humana; em particular, lhe era submissa a autoridade política, que era considerada como "braço secular" e considerava como sua tarefa fundamental a defesa da religião cristã. O acento posto sobre os direitos da Igreja, o seu domínio se exprimia também nas honrarias, nas riquezas que os soberanos concediam a papas e bispos.

Este tipo de cristandade, se de um lado assegurava à Igreja uma posição de privilégio e a possibilidade de animar religiosamente as várias atividades humanas, criava doutro lado notáveis inconvenientes: a potência temporal da Igreja que devia ser sinal e meio de ação espiritual, se tornava frequentemente um obstáculo a esta ação, pois distraia o clero de sua missão essencial, empenhando-o em problemas profanos e tornando menos evidente a missão espiritual da Igreja; a aliança entre trono e altar tornava a Igreja coresponsável dos abusos cometidos pelos soberanos e que ela parecia aprovar.

Os monarcas cristãos que viam na religião a consagração de seu poder eram tentados de servir-se dela para suas finalidades: e daí graves intromissões na vida da Igreja. O clero depois, como classe privilegiada, se encontrava socialmente do lado dos ricos e dos potentes, estranho portanto à vida e à sensibilidade das massas.

Tendo a disposição o "braço secular" a Igreja era tentada de servir-se dele para limitar ou reprimir a liberdade religiosa: daí perseguições, violências, guerras de religião, com a consequência de favorecer um cristianismo conformista mais que de livre escolha.

Tais inconvenientes pareciam por muitos seculos compensados pelas vantagens que o domínio da Igreja trazia não só à religião mas a própria civilização: povos adolescentes encontraram na Igreja uma proteção que lhes permitiu de crescer e chegar à idade madura.

A Igreja desenvolvia na vida profana também uma função supletiva: em lugar, isto é, de outros organismos inesistentes ou ineficientes.

Suas posições de poder se podiam, em definitiva, considerar um serviço prestado à sociedade daquele tempo.

A afirmação do primado do espiritual implica também na tendência a sacrificar os valores materiais quando estes parecem não contribuir ao crescimento dos valores espirituais. Esta tendência pode induzir o cristão a desquidar de seus deveres na esfera material, tornando-o menos sensível à urgência de construir uma sociedade mais justa, de trabalhar para a solução dos conflitos econômicos e sociais, de lutar para o reconhecimento dos direitos do homem.

Se cria assim a impressão que "o cristão coerente" é um exilado nesta terra, que ele é como perdido para as tarefas terrenas, que em outras palavras, a religião é alienante.

A Igreja de hoje permanece fiel às preocupações fundamentais que foram próprias de todas as épocas. Porém a evolução das condições históricas e da psicologia da humanidade, lhe impõem uma evolução - contínua que se exprime em novos aprofundamentos doutrinais e em novas atitudes pastorais.

A Igreja hoje tomou nova consciência dos direitos do homem, em modo particular de suas autonomias. A Igreja reconhece praticamente - os direitos de uma humanidade que se tornou adulta. De fato as instituições leigas tomam sempre mais consciência de seus deveres para com a comunidade e recuperam tantas funções de serviços que outrora eram súplidas pela Igreja. Ainda a Igreja quer hoje afirmar o primado do espiritual não mais com ostentação de poder e riqueza, mas sim através do serviço (a autoridade é de quem serve) e da pobreza e quer que a adesão a ela não seja efeito do seu prestígio temporal, mas - fruto de uma escolha livre e pessoal. E mais ainda a Igreja tomou - consciência de que sua presença no mundo deve levar os homens a criar condições de normalidade na vida econômica social e política. E por isso ela vê a urgência que seus fiéis se empenhem sinceramente à construção de um mundo mais justo, mais fraterno, onde todo ser humano - possa realizar-se como fim. Independentemente de suas convicções religiosas, todo ser humano tem direito de chegar ao seu aperfeiçoamento integral. A este direito correspondem logicamente por parte dos outros determinados deveres. O mandamento do Amor não empenha só para a salvação eterna dos homens, mas também para a sua promoção humana. A Libertação eterna passa para a libertação terrena; a divinização exige uma plena humanização.

Embora que o cristão tenha motivação religiosas em promover os valores humanos, em respeitar os direitos do homem, é sempre verdade - porém que ele trabalha para a cidade terrena, que tem o seu próprio valor, e aceita potanto como autônomos os valores da arte, da ciência da técnica, da política, da economia ... O fato que para ele a solução definitiva dos problemas humanos não possa ser alcançado nesta - terra, não o dispensa de procurar aquelas soluções parciais que lhe são possíveis. O fato que para ele o progresso histórico esteja em marcha para horizontes eternos, não lhe impede de acreditar no progresso terreno, de trabalhar para uma humanidade melhor,

Esta atitude permite ao cristão de colaborar lealmente com pessoas de outras ideologias, permite à Igreja de estender a área de sua influência muito além do mundo católico, muito além da esfera puramente religiosa. O cristão porém, embora acreditando sinceramente no progresso, não pensa que este possa chegar a uma fase de pleno equilíbrio pessoal e comunitário, de felicidade sem sombras, de generosidade sem reservas. O mito do "paraíso terrestre" pretenderia alimentar a marcha da humanidade com esperanças que nenhum dado de experiência ou de ciência conferma. O cristão sabe ao invés que as raízes da alienação não são somente externas ao homem, mas também internas; que seu desequilíbrio nasceu com ele. Não será uma forma de alienação este esforço tendendo a um ideal inalcançável? Ou talvez não anuncie para além do mito, uma verdade mais profunda: que os ideais ao alcance do homem não bastam ao homem, que o seu ansíio os transcende a todos ?

MARXISMO E CRISTIANISMO : HUMANISMO ECONÔMICO

Já vimos como para o marxismo as condições econômicas e mais especificamente as condições de produção (forças produtivas e relações de produção) constituem as "infraestruturas" da história, e todas as outras manifestações da vida humana constituem as "superestruturas".

Materialismo histórico consiste essencialmente em afirmar o valor determinante das "infraestruturas" na evolução da história.

O cristianismo também reconhece a importância dos valores econômicos, seu influxo na vida do indivíduo e da sociedade; e não exclui a possibilidade de prever certos fenômenos históricos, a partir das leis econômicas, em particular do dinamismo da luta de classe. E doutro lado denuncia o estado de alienação em que se encontra a maior parte da humanidade, e critica o regime capitalista, na medida em que é responsável por esta alienação. O amor que o cristão é chamado a viver, seria ilusão, se não se tornasse protesto, se não fosse operativo e transformador da realidade. De fato, através do trabalho e da ação social o homem constroem uma nova realidade, se torna verdadeiramente criador do universo e da história. O marxismo porém afirma só aparentemente a liberdade criativa do homem e a autonomia das várias esferas em que se exprime a vida humana. Pois afirmar liberdade e autonomia significa reconhecer que não existem leis determinantes o futuro da história : a história foge, de fato, em larga medida aos nossos esquemas e categorias. Não se pode equiparar a cientificidade da história e das ciências físicas. A ameaça de uma guerra nuclear e portanto do suicídio cósmico põem seriamente em crise a fatalidade do progresso; revela antes sua dramática contingência.

Ainda para o marxismo a raiz de toda alienação humana é a alienação econômica. O homem naturalmente generoso e equilibrado, foi perturbado pela desordem econômica. Uma simples análise psicológica e histórica nega esta afirmação. Se, de fato o homem fosse originariamente generoso, porque suas relações econômicas teriam-se impostado, desde o início, em termos de rivalidade, de conflito? Porque teria inaugurado regimes econômicos que legalizam a exploração do homem por o homem?

A explicação econômica do relacionamento humano, por quanto válida não é suficiente nem definitiva. Seria difícil, por exemplo, explicar em chave econômico social a tendência acentuadamente egocêntrica do homem. Esta parece inserida na própria natureza humana anteriormente a sua inserção no contexto econômico.

Se a história é animada por uma dialética de interesses, a economia constitui só um momento, embora importantíssimo, de um conflito mais vasto, que afunda suas raízes no egoísmo e nos limites do homem e que coloca em oposição, com as motivações mais variadas, indivíduos, grupos, classes, povos. Se portanto o desequilíbrio interior do homem é anterior às estruturas, ele é destinado a sobreviver a todas as reformas externas e a constituir para cada homem um problema que ele é chamado a resolver antes de tudo a nível pessoal.

A interpretação sócio-econômica parece inadequada também em relação à felicidade do homem. Parece de fato difícil admitir que a infelicidade do homem tenha sua raiz exclusiva na opressão econômica e que a libertação econômica permita de superá-la. O desequilíbrio ético, os egoísmos, as rivalidades estão certamente à origem de grande parte dos sofrimentos da humanidade, e sobreviverão a todos os regimes econômicos. Poderia, depois, a segurança econômica eliminar as dores as deficiências físicas, as anomalias psíquicas, as limitações, os

complexos de inferioridade? Poderia acalmar todas as aspirações, inquietações da vida humana? A experiência dos países economicamente mais desenvolvidos e também mais socializados desmente por completo tais previsões. Existe sim uma grande relação entre desenvolvimento econômico-social e desenvolvimento complessivo da humanidade, mas não há razões para afirmar que este progresso leve necessariamente a um desenvolvimento global e autêntico. Embora imponente o advento das novas estruturas, ele não bastará para gerar homens novos. O progresso econômico social cria condições dentro das quais se torna possível uma maior maturidade humana e cristã, mas multiplica também solicitações e riscos de degradação. A técnica pode colaborar a libertar o homem, mas pode também domina-lo.

A alienação econômica não consiste só na cisão entre o homem e o produto de seu trabalho, ou na exploração do homem por parte do homem, mas também, e talvez mais profundamente, em reduzir o homem a "objeto", as relações humanas à relações "objetivas". Também sem ser dominado por outros, o homem técnico pode ser alienado, porque dominado pelas leis "objetivas" da natureza e da técnica.

É necessário, para além de qualquer ingênuo messianismo, tomar consciência da ambiguidade da civilização que estamos construindo.

Ela é uma grande promessa e uma grande ameaça. A promessa será cumprida, a ameaça neutralizada só através da vivência dos valores autênticos da pessoa humana. O que mais urgentemente precisamos é um suplemento de espírito. O marxismo, ainda, reduz o fenômeno religioso a um produto da luta de classe, que inevitavelmente desaparecerá, quando desaparecer a alienação econômica. Já demonstramos como as instâncias do problema religioso são irridutíveis a qualquer outra esfera da consciência humana. Portanto, embora procurando ativamente a liberdade econômica, o cristão não vê nela um elemento constitutivo, essencial da liberdade à qual é chamado.

Esta atitude, que pode parecer de renúncia, nasce, ao contrário, da vontade de não renunciar a uma experiência global de todos os valores da vida humana. Ela consente, aliás, aos homens (e são a grande maioria) que não chegaram, e talvez nunca chegaram à liberdade econômica, de não ter que se considerar uns fracassados na vida: o ideal humanístico será verdadeiramente autêntico quando for universal, "democrático", quando será concretamente acessível a todos, também aos mais pobres, aos infelizes, aos doentes aos moribundos.

CRISTIANISMO E MARXISMO : HUMANISMO COMUNITÁRIO

Cristianismo e marxismo afirmam que o homem isolado da sociedade é uma abstração: não existe. O homem não pode libertar-se, realizar-se se não numa comunidade livre e fraterna. Para o cristão, porém, a comunidade terrestre não realiza plenamente a vocação comunitária do homem, ela aspira à uma existência eterna. É dever fundamental de cada cristão tornar eficaz seu amor para com os irmãos formando com eles, especialmente os mais pobres e oprimidos, uma força histórica capaz de transformar o mundo. Não se trata só do amor aos indivíduos mas do impenho comunitário para a construção da humanidade. O individualismo e os regimes que ele gera são para o cristão formas de alienação. A ação comunitária, libertadora será para o cristão a organização do seu amor. Nada é mais livre do que aquilo que o amor organiza. Uma dimensão da vida comunitária é a dimensão política.

Surge aqui a questão da forma de governo.

Sobre este ponto cristianismo e marxismo - visões absolutas e totais do mundo - são fortemente solicitados em favor dos regimes fortes ditatoriais, nos quais uma minoria qualificada, ou um indivíduo exerce a autoridade sobre a maioria, em força do direito que lhe vem por representar a ordem objetiva, o bem da comunidade, na qual os direitos da instituição prevalem sobre os direitos da pessoa.

Por muito tempo os cristãos manifestaram simpatias e preferências pelas monarquias absolutas que garantiam com a proteção da lei o prestígio da religião. Da outra parte nas repúblicas populares o regime se manteve até agora, graças à ditadura de uma forte personalidade - Stalin, Mao, Fidel Castro - ou de uma oligarquia de partido. Hoje no mundo cristão estão emergendo sempre mais claramente à consciência os direitos da pessoa humana e portanto a exigência de uma sociedade que -chegada à idade adulta- aceite francamente o jogo democrático, com todas suas componentes e seus riscos, em particular o pluralismo ideológico e partidário, o prevalecer da maioria, o respeito da oposição.

Um dos temas onde aparece com maior clareza a evolução da ideologia cristã a este respeito, é o da liberdade religiosa. Um conceito integrista da defesa dos direitos de Deus e da Igreja tinha, no passado, levado a negligenciar ou até negar tal liberdade. Hoje a Igreja a proclama abertamente, não só para revingar para os católicos o direito de professar sua religião, mas especialmente para reconhecer a todos os homens o direito de agir conforme sua consciência, também quando esta os orientasse contra a doutrina católica. Esta nova mentalidade encontrou vivíssimas resistências no Concílio Vat. II.

Em relação ao marxismo, por exemplo, o cristão não pode contestar-lhe o direito de livre organização e difusão, pelo simples fato de seu ateísmo; mas só porque não garante com sua doutrina e praxe o respeito à liberdade. Destes princípios segue que um partido pode ter o direito de determinar a política de uma nação, só na medida em que pode contar com o apoio popular livremente expresso. Não basta estar certos da validade objetiva do próprio programa político, para ter o direito de atua-lo: é necessário passar através do reconhecimento subjetivo livre. É este princípio do respeito da pessoa e sua subjetividade desemboca naturalmente no pluralismo.

O humanismo comunitário exige, no plano político, que a inteira comunidade seja efetivamente sujeito do poder, que possa determinar seu destino.

Marxismo é verdadeiramente humanismo comunitário?

Quando a comunhão entre os homens é vivida a um nível de autenticidade verdadeira, imediatamente se revelam seus limites na presente condição da humanidade. Por profunda que seja a amizade entre nós, ela deve parar diante da parede impenetrável da subjetividade, da consciência; por estritos que sejam nossos vínculos sociais, sempre nos encontramos sós diante das escolhas fundamentais do nosso destino. O homem permanece sempre em definitiva um solitário. Aparece de fato insuperável na esfera profana a antinomia entre promoção pessoal e dedicação aos outros. Há ainda o limite da duração: a exigência do amor a um encontro sem fim choca irrevogavelmente contra o muro da morte, momento da solidão eterna. E há por fim, o limite da extensão: embora universal em suas aspirações, o amor humano atinge normalmente só um pequeno número de pessoas. Não é possível ao homem doar-se totalmente a todos, realizar a unidade rumo a qual estamos em marcha. Na esfera profana portanto, muitas aspirações fundamentais do amor permanecem insatisfeitas, alienadas. É portanto o próprio amor a invocar, para realizar-se plenamente, para superar suas alienações, um relacionamento essencialmente diferente, no qual possa estabelecer uma intimidade mais profunda, chegar a uma duração - sem fim, a uma universalidade efetiva.

A estas expectativas o cristianismo abre inesperadas perspectivas, revelando ao homem o significado último de sua vocação comunitária.

Deus de fato, quer comunicar sua vida aos homens, não isoladamente um por um, mas comunitariamente, como povo.

A vida divina é por natureza própria comunitária: é vida trindária.

O homem é chamado em Cristo a inserir-se nesta vida. Viver verdadeiramente é conviver. A Igreja é esta comunidade de vida e de amor que visa unir a humanidade toda. Sua formação constitui o centro e o fim da história. Vive, é salvo só quem entra a fazer parte deste corpo. Trata-se aqui não só de um novo modo de ser; antes do verdadeiro, único modo de ser, para o qual Deus criou o homem. -Deus-Amor Cria o homem para participar-lhe sua felicidade infinita, e para que isto se torne possível, o faz participante de sua vida divina-comunitária. Isso cria entre os homens relações imensamente mais íntimas, universais, eternas, destinadas a criar vínculos vitais entre todos, inclusive entre passado e presente, entre presente e futuro: toda a história é penetrada por este vasto movimento de unificação. "Pai, que todos sejam um". O povo de Deus é o autêntico povo da história. Mas na fase terrestre tais relações, embora íntimas e realíssimas, não emergem plenamente à consciência e portanto não atuam ainda aquela fusão dos espíritos que permanece o sonho do amor. Esta será a realidade da VIDA ETERNA: plena e eterna comunhão com o Pai e entre os irmãos, a terra prometida rumo a qual estamos em marcha, a humanidade nova que fadigosamente estamos construindo, o ideal da história. A razão de ser da vida humana é definida por esta dimensão: o homem está nesta terra para construir uma comunidade humano-divina de amor. Os outros homens, cada um deles e a comunidade não são simplesmente ocasiões para amar a Deus e para salvar-se, mas constituem outrotantos fins.

O homem existe por amor e para o amor: ele é uma resposta viva do amor de Deus, e é destinado a ser como Deus, amor.

Uma ideologia portanto é realmente humanística se considera efetivamente cada pessoa como valor absoluto e respeita plenamente sua subjetividade. Como podem concordar com este princípio os conceituos marxistas de praxe e eficácia histórica? Pois para o marxismo é considerado eficaz e portanto unicamente válido o sistema político que consegue instaurar aquela ordem econômico social que coincide com o sucesso do partido comunista. E é em relação a isso que se definem todos os valores. Enquanto numa política humanística é considerado unicamente válido o sistema que realiza seu programa no respeito absoluto à pessoa e a sua autonomia, e não considera o sucesso do sistema como critério exclusivo de valor. Seria portanto ineficaz o método que, embora realizando um grande progresso econômico, o fizesse a custa de mais altos valores pessoais. Ora se o sucesso histórico é a prova definitiva de validade do marxismo, é lícito perguntar-se em que medida esta prova tem sido dada. Obviamente na medida em que o regime marxista é objeto de livre adesão. Os marxistas demonstrarão de acreditar verdadeiramente em seu sucesso histórico o dia em que assumirem o risco da liberdade e renunciarem a posições de poder quando estas não se possam manter se não oprimindo a liberdade.

Ainda podemos perguntar como, num sistema que relativiza o homem ao partido, possa ser possível o amor e mais ainda o amor universal.

Substituindo à pessoa - como valor absoluto - o partido, os marxistas são logicamente levados a amar quem serve à causa do partido e a menosprezar quem não a serve. Há mais. A convivência humana será fraterna só se baseada na mútua confiança: cada um deve poder contar sobre a lealdade dos outros. Mas onde pode-se basear esta confiança se não na comum vontade de respeitar determinados valores, considerados como absolutos? Como não ter medo de ser enganado ou instrumentalizado por um interlocutor cujo critério último de valor fosse o sucesso da instituição? A inspiração central do marxismo talvez seja humanística, mas sua encarnação histórica foi até agora um regime bem antihumanístico. O fato que tal situação se verificou em todo lugar onde o comunismo chegou ao poder encontra sua explicação no princípio da "praxe como critério último de valor". Para ter sucesso foi necessário que a ditadura do proletariado se tornasse ditadura do partido ou, pior ainda, ditadura de algumas personalidades ou grupos de poder.

A autêntica comunidade vive de livres personalidades e se realiza no respeito de pluralísticas subjetividades. Também neste ponto o marxismo se encontra em sérias dificuldades ideológicas. Pelo vínculo estreitíssimo que existe entre ideologia e praxe, o marxista deve afirmar que sendo sua ideologia a única eficiente na prática, o Estado deve adotá-la e não pode não eliminar as outras, porque ineficientes.

A comunidade é sujeito de poder e o fim do poder.

Tudo deve ser programado e realizado em vista do bem comum.

O cristianismo, como o comunismo, proclama, contra o liberalismo econômico, a função social da riqueza e denuncia a injustiça do aumento produtivo, ao qual não corresponda uma óqua distribuição dos bens. Reconhece também que tal função não pode ser atuada sem uma decisiva intervenção estadual, que oriente em vista da comunidade a dialética espontânea dos egoísmos individuais. Tal intervenção deve impor ao uso da propriedade particular todas as limitações que o bem comum exige, inclusa, quando for necessária, a nacionalização dos bens de produção. Diverge o marxismo do cristianismo quando afirma categoricamente que todos os bens de produção são essencialmente comunitários, negando qualquer direito à propriedade particular.

HUMANISMO REVOLUCIONÁRIO ?

Vimos nos capítulos precedentes como o amor é a razão constitutiva da vida humana, o centro de perspectiva que dá sentido ao existir de cada ser a resposta última a todos os problemas, a força do anseio da socialização dos homens, da unificação do mundo. O critério, portanto, para avaliar uma ideologia é sua capacidade de responder às expectativas do amor. Responderá plenamente aquele ideal para o qual o amor é mais forte do que a morte. Um ideal que cede perante a morte, por grande e nobre que seja, é sempre um ideal derrotado.

Ora, no exercício do seu amor, o cristão choca-se frequentemente contra uma situação de alienação e contra todas as resistências dos egoísmos de todos aqueles que estão interessados a defender a desordem constituida.

Uma ação eficaz, portanto, deve enfrentar a luta: aqueles que querem defender os valores da justiça, base do amor, devem se unir e enfrentar aqueles que lutam para interesses opostos. Este confronto parece inevitável no terreno econômico, onde o conflito de interesses determina a luta de classe. É difícil negar que estas tensões exerçam na história uma força propulsiva e que, portanto, a história se desenvolva com ritmo dialético. Podemos nos perguntar: o método da luta de classe é compatível com o mandamento do amor? Está fora de dúvida que o mandamento cristão do amor é universal e se estende portanto também aos adversários políticos e econômicos; com o cristianismo é incompatível o ódio de classe.

Mas a universalidade do amor não está em contraste com uma eficaz defesa dos direitos próprios e de uma categoria injustiçada, através da luta política, partidária, sindical. Esta defesa permanece legítima se não visa prejudicar o adversário nos seus legítimos direitos, mas só defender os próprios contra injustas pretensões. A luta se atua ao interno das estruturas existentes, mas onde estas sejam a legalização da injustiça, a defesa do privilégio, ela deve tender a uma reforma radical das mesmas estruturas, e portanto passar da evolução para a revolução. Revolução que tenderá a ser pacífica, no respeito devido às pessoas; pois a eficiência da violência, embora mais vistosa, é geralmente superficial e precária; os meios violentos permanecerão, no caso, o extremo recurso da legítima defesa. Já demonstramos como a visão cristã não coincide com aquela marxista, pois a ideia marxista da praxe revolucionária como critério supremo de valor é inconciliável com o princípio do valor absoluto da pessoa humana e o princípio do amor universal. Para o marxismo a luta de classe tende a se tornar ódio de classe. Porém a originalidade do cristianismo em relação ao marxismo não consiste só em situar a revolução econômico-social dentro de um sistema de valores todos subordinados ao valor absoluto da pessoa humana, mas em denunciar a INSUFICIÊNCIA De toda e qualquer reforma das estruturas para a realização de uma humanidade nova.

Da dialética social, objetiva, que move a história, o cristianismo procura as raízes numa dialética pessoal subjetiva: o homem está em luta contra o homem, porque está em luta contra si mesmo; a humanidade está dividida, porque o homem está dividido. O choque dramático entre espírito e matéria, entre egoísmo e generosidade é congênito ao homem, que se encontra naturalmente levado ao egoísmo. Esta tensão interior põe cada pessoa perante a uma escolha fundamental: é esta escolha que define o valor da pessoa, sua incidência histórica, seu destino eterno. Ora tal escolha, embora condicionada pelas infraestruturas, é em definitiva, um gesto totalmente pessoal de cada homem, o qual será tanto mais homem, quanto mais intervém ativamente e livremente, e pelo contrário, será tanto mais alienado quanto mais sua escolha será determinada pelas condições externas.

A revolução social e econômica deve criar as condições que permitam a cada pessoa de fazer sua escolha em plena liberdade, mas não pode substituir-se a esta escolha, sem gerar novas formas de alienação.

Se tornará assim possível uma escolha autenticamente humana e portanto uma verdadeira revolução, revolução interior, pela qual o amor prevalecerá sobre o egoísmo.

Porém para não cairmos num circuito vicioso, precisamos resolver um dilema. Será uma qualquer revolução social ou econômica que criará as condições de liberdade que tornam possível a revolução interior "do amor que prevalece sobre o egoísmo? O será a revolução interior que tornará possível uma verdadeira revolução social e econômica? Em outros termos: devem mudar as estruturas para que mude o homem, ou deve mudar o homem para que mudem as estruturas?

Marxismo e cristianismo ocupam, neste campo, posições antitéticas: para Marx a origem dos males está nas estruturas alienantes; para Cristo está no egoísmo do homem, de cada homem. A história, para quem a sabe ler está a demonstrar até à evidência, de quem é a razão. Uma autêntica revolução só se realiza sob a insígnia do amor.

MARXISMO OU CRISTIANISMO: HUMANISMO CIENTIFICO ?

Para muitos cristãos a religião é muito mais um conjunto de ritos, um sistema de prescrições morais, a satisfação de uma necessidade psicológica de segurança, ou a agremiação a um determinado grupo social, do que uma visão do mundo e da vida. A maioria adere a ela como a uma qualquer componente cultural, por tradição, sem fazê-la objeto de crítica e de escolha pessoal. Uma religiosidade como esta, confrontada com o marxismo, que pretende ser uma ideologia objetiva e crítica, aparece facilmente em posição de inferioridade, seja porque não responde às exigências da racionalidade, seja porque objetivamente estéril, ineficaz.

Quanto ao marxismo, vimos, em sede expositiva, como a praxe assumida como critério último de verdade e a absoluta obediência às diretrizes do partido, considerado como a consciência do proletariado, fazem duvidar da evidência científica da ideologia.

O cristianismo, embora não reduzível a uma ideologia, é antes de tudo uma "visão do mundo" -weltanschauung- profundamente unitária, essencialmente humanística, capaz de responder a todas as exigências e expectativas do homem, de todo homem.

Como, porém, esta visão pode ser racional, se o cristão deve crer em verdades que não vê? Não se pode pedir ao homem um assentimento que ele não esteja em condições de justificar. Seria uma alienação.

Mas o cristão pode e deve saber porque crê.

O espírito crítico com o qual o cristão deve justificar sua visão do mundo, implica antes de tudo confiança na inteligência humana. O cristão crê no homem e na capacidade autônoma do pensamento.

A autonomia do pensamento humano, porém, não exclue toda e qualquer dependência. O marxista não julga alienante a subordinação do pensamento às diretrizes do partido. Também o cristão não julga alienante a subordinação do pensamento humano ao pensamento divino. De verdade nada há de alienante em aderir a um pensamento do qual se tenha apurado criticamente a infalibilidade; antes seria um empobrecimento a rejeição deste novo horizonte de verdade. O cristão adere à Revelação divina a partir do momento em que tem criticamente apurado a infalibilidade dela, e não antes. O marxista poderá aceitar, sem alienação, que a verdade venha do partido o dia em que terá apurado criticamente a infalibilidade do partido e não antes

MARXISMO OU CRISTIANISMO : HUMANISMO CIENTÍFICO ?

Para muitos cristãos a religião é muito mais um conjunto de ritos, um sistema de prescrições morais, a satisfação de uma necessidade psicológica de segurança, a integração num determinado grupo social, do que uma visão do mundo e da vida. A maioria adere a ela como a uma qualquer componente cultural, por tradição, sem fazê-la objeto de crítica e de escolha pessoal. Uma tal religiosidade, confrontada com o marxismo que pretende apresentar-se como uma ideologia objetiva e crítica, aparece facilmente em posição de inferioridade, seja porque não responde às exigências da racionalidade, seja porque objetivamente estéril, ineficaz.

Quanto ao marxismo vimos, em sede expositiva, que a "praxe" assumida como critério último de verdade e a obediência absoluta às diretrizes do partido - considerado como a consciência do proletariado - fazem duvidar da evidência científica da ideologia.

O cristianismo, embora não reduzível a uma ideologia, é antes de tudo uma visão do mundo, uma "weltanschauung" profundamente unitária, essencialmente humanística, capaz de responder a todas as exigências e expectativas do homem. Porém, como esta visão pode ser racional, se o cristão deve crer em verdades que não vê? Não se pode pedir ao homem um assentimento que ele não esteja em condições de justificar. Seria uma alienação. Mas o cristão pode e deve saber porque crê. O espírito crítico com o qual o cristão deve justificar sua visão do mundo, implica antes de tudo, confiança na inteligência humana. O cristão crê no homem e na capacidade autônoma do pensamento. A autonomia do pensamento humano, porém não exclui toda e qualquer dependência. O marxismo não julga alienante a subordinação do pensamento às diretrizes do partido. Também o cristianismo não julga alienante a subordinação do pensamento humano ao pensamento divino. De verdade nada há de alienante em aderir a um pensamento do qual se tenha apurada a infalibilidade: antes seria um empobrecimento a rejeição deste novo orizonte de verdade. O cristão adere à Revelação Divina, a partir do momento em que tem criticamente apurada a infalibilidade dele e não antes. O marxista poderá aceitar, sem alienação, que a verdade venha do partido, o dia em que terá apurada criticamente a infalibilidade do partido, e não antes. Mas na medida em que a "linha do partido" reflete um pensamento suscetível de erro, ela não pode ser imposta sem violar um direito fundamental da pessoa humana: o direito de pensar criticamente. É impressionante, hoje, reparar como um sistema nascido em nome da liberdade de pensamento, tenha conseguido sufoca-la tam abertamente. A verdade vive da liberdade. Mas a liberdade só pode ser concedida por aquele partido ou regime que crê na força de sua verdade. Onde estará a verdade no marxismo, se o critério de reconhecimento dela é a praxe. O conflito russo-chines rompeu o mundo comunista. Qual é, agora, a comunidade proletária cuja praxe será o critério da verdade? Qual a comunidade de trabalhadores em cuja consciência emerge o autêntico sentido da história? Qual o partido comunista que pode considerar-se a consciência do proletariado? Ninguém pode certamente contestar a grandiosidade das conquistas científicas realizadas sob o regime comunista na Rússia. Mas a ciência soviética transcende evidentemente suas competências quando pretende provar a verdade de sua "visão do mundo". Querendo ser científica tal visão cessa de ser crítica.

Típica manifestação da instrumentalização da ciência é a historiografia soviética. A destalinização pos em crise quarenta anos de produção neste campo, a dekruscevização os anos seguintes. E nada autoriza a fazer previsões mais otimísticas para o futuro. Ora quando se considera

a importância fundamental que o marxismo atribue à história, chamada a fornecer a documentação de seus sucessos e portanto de sua verdade, e de outro lado a impossibilidade prática de realizar em regime marxista uma pesquisa livre, se percebe logo a acriticidade do sistema.

Mas as divergências entre Marxismo e Cristianismo se tornam por demais evidentes quando se comparam na solução dos mais fundamentais problemas do homem.

A ciência pode levantar numerosos problemas, mas ela é constitucionalmente incapaz de resolvê-los. A ciência realizou as mais incríveis conquistas, mas não resolveu o problema fundamental do homem: não o tornou mais feliz. Demonstrou de não ter nenhuma condição para vencer a alienação final do homem. O qual se encontra perante a esta dramática alternativa: ou fechar-se num mundo de coisas claras, mas demasiadamente pequeno para ele, ou abrir-se a um mundo maior do que ele, mas toldado de mistério. Perguntamos aos materialistas dialéticos: "É legítimo rejeitar realidades, pelo simples fato que são maiores do que nós?" "Em nome de qual progresso se quer matar a última e maior expectativa, a última e maior esperança do homem?" Porque em definitiva quem nega o mistério nega a esperança. Como seria fechado e sufocante este mundo onde tudo fosse claro científico; um mundo que o homem conseguiu pesquisar até o fundo, onde encontrou a razão de tudo, exceto aquilo que verdadeiramente procurava: a razão de sua existência.

Como se vê o marxismo impõe o problema em termos de alternativa radical: ou a clareza absoluta, científica ou a escuridão total.

Não se trata de fazer esta escolha: ou a ciência ou o mistério; mas reconhecer a presença de ambos na experiência da realidade.

Reconhecer o mistério, não significa negar o conhecimento científico da realidade, mas simplesmente reconhecer os limites de tal conhecimento; não significa renunciar à inteligência crítica, mas lançar esta inteligência até constatar a insuficiência de nossas soluções, quando pretendem manter-se na zona da pura clareza científica.

Vimos em sede expositiva, como o Marxismo considera incompatível a existência de Deus com a afirmação do homem artífice de sua história dono de seu destino. Se Deus existisse Ele seria o artífice da história; o homem seria um simples executor dos desenhos divinos: servo, portanto não dono. Ora a ciência, logicamente, rejeitaria um Deus que fosse considerado como a causa direta dos fenômenos naturais, porque este Deus impediria à natureza de ser "ela mesma", impediria à ciência de conhecer a realidade, e à técnica de dominá-la. Ninguém nega em plano filosófico a dificuldade de compor a autenticidade das causas parciais com aquela da Causa Total. Mas também aqui o problema não deve ser posto em termos de alternativa radical: a presença da ação divina se situa em outro plano e não entra em concorrência com a essência e a ação da natureza e do homem. Outra incompatibilidade que o marxismo aponta é a do espírito e da matéria na realidade humana, impostando o problema em termos de rivalidade. O cristianismo, afirmando a autenticidade da matéria, contesta a necessidade de uma escolha entre espírito e corpo para caracterizar o homem. O corpo não é invólucro ou o cárcere do espírito, mas constitutivo essencial do homem, não é obstáculo à vida espiritual, mas uma condição necessária. Mas a visão cristã da matéria abre horizontes ainda mais amplos. Em virtude da Encarnação, não só existe um Homem que é Deus Mas um Corpo que é divino: o Corpo de Deus. E a esta divinização não é chamado só o corpo físico de Cristo: pois unidos vitalmente a Cristo, os corpos de todos os homens compartilharão o mesmo destino. Há mais: a própria natureza é chamada a participar da recapitulação de todas as coisas em Cristo. Por isso agora "geme, na espera de chegar à liberdade dos

C O N C L U S Ã O

Quando fomos expondo até agora mostra claramente quão profundas são as convergências entre marxismo e cristianesimo; mas também quão irridutíveis as divergências que opõem os dois sistemas: pois trata-se de duas visões do mundo - weltanschauung - profundamente unitárias, monolíticas, que conferem significados diferentes a todas as expressões da vida e do pensamento. Marxismo e cristianismo pretendem ser visões unitárias e integrais do mundo, capazes de conferir um significado a todos os aspectos da realidade, capazes de conferir à vida quotidiana uma carga de ideal, de dar aos homens uma mensagem de esperança. Trata-se portanto não de simples sistemas dotrinais, mas de tipos de civilização, de propostas de realização da vida humana. Visões que oferecem ao homem a possibilidade de se realizar como fim, e para este objetivo organizam sua ação e o processar-se da história. Elas defendem uma ética pela qual o valor absoluto do homem seja o princípio fundamental e na qual o mandamento do amor seja central.

Na realização deste ideal o homem não é simples instrumento, mas artífice, através de sua ação pessoal e comunitária. Tal ação visa portanto a construção de uma "cidade terrena" em que seja possível atuar uma convivência fraterna, em que cada homem se realize como fim.

Isso implica, particularmente, na humanização do relacionamento econômico, que tão fortemente condiciona o desenvolvimento integral do homem e o processo da história. Tanto para o cristianismo como para o marxismo o ideal humanístico, como sua realização, são essencialmente SOCIAIS

O homem não realizará a si mesmo, a não ser numa comunidade, e a sua ação neste sentido será eficaz, só se for comunitária.

A dimensão comunitária da vocação humana se manifesta particularmente na destinação social de todos os bens da terra, e admite ou "exige" a intervenção do estado para limitar a propriedade particular, la onde ella aparece em contraste com sua função social.

Ora a ação social para a realização de tais objetivos parte de uma situação de gravíssima alienação, que não pode ser superada sem uma "luta" contra quantos tentam institucionaliza-la; luta que se move dentro dentro das estruturas existentes (estruturas feitas para criar e manter a alienação), mas que tende a reforma-las. E neste sentido pode tornar-se revolucionária.

É difícil contestar que sobre estes pontos a convergência entre marxismo e cristianismo seja real e profunda, embora que o cristianismo diverge radicalmente sobre o método de luta. Como é então que o marxismo considera a religião uma alienação? É preciso admitir que contra o cristianismo foram reviradas algumas das intuições mais características

Porque?

Temos que admitir que a cristandade no curso de sua história mostrou versões de um cristianismo em que estas intuições mais características foram negligenciadas seja prática que teoricamente. O cristianismo portanto está sendo criticado em nome de valores evangélicos que se encontram mais explicitos em ideologias que não são cristãs.

Mas seria um simplificar excessivamente o problema, dizendo que o cristianismo tem só "perdido de vista" algumas verdades, e que estas foram redescobertas por outros sistemas, e que portanto deveria só recuperar quanto já possuía, voltando às origens.

Na realidade muitas destas verdades cristãs se encontram no cristianismo primitivo e na própria Bíblia só virtualmente. Ou seja, se encontram os princípios dos quais estas verdades podem ser deduzidas, mas e las não se encontram. Não seria exato, de fato, afirmar que todos os problemas espirituais do nosso tempo sejam solucionados no Evangelho, também se o Ev. fornece o espírito e as grandes diretrizes que tornam possível tal solução. A comunidade cristã tem portanto o dever de completar aquilo que falta, ou, mais exatamente, abrir-se à ação divina, que continua animando a história. A fidelidade do cristianismo a suas origens não pode ser simplesmente conservadora, mas criadora. A culpa dos cristãos, não é só de ter "perdido de vista" algumas verdades antigas, mas de não ter descobertas novas verdades, no momento em que novas situações o teriam exigido; não é só de ter faltado de coerência prática à doutrina que professam, mas de não ter feito progredir a doutrina ao ritmo da história.

Portanto, reconhecendo a inspiração evangélica de determinadas verdades presentes no marxismo, o cristianismo não intende contestar a originalidade da contribuição marxista na evolução da consciência humana, e não pretende atribuir a si todo o mérito histórico. Alias reconhece que a contribuição do marxismo na evolução da consciência humana estimula e favorece o processo de madurecimento do próprio cristianismo.

Mas a constatação das convergências, não pode evidentemente induzir a mascarar as divergências. De todas - para estabelecer um confronto no mesmo terreno - a mais macroscópica é justamente a divergência humanística, ou seja a resposta que os dois sistemas dão ao problema fundamental do homem. Há posições no marxismo que põem em xeque-mate a autenticidade de seu humanismo; pois elas contem antinomias tão graves que fazem aparecer o sistema todo, em definitiva, anti-humanístico.

Chamamos de anti-humanística qualquer posição doutrinária ou prática que contraste com o princípio do VALOR ABSOLUTO DO HOMEM de CADA HOMEM. Ora o marxismo prospecta um universo tal onde o homem, individualmente considerado, não se realiza como fim e onde não é garantido o respeito do homem do homem por parte do homem.

De fato: 1º - uma vida cuja última palavra é a morte, a destruição total e definitiva, como pode dizer-se realizada? Um amor que tem que acabar, uma comunidade destinada a cair no abismo do nada, uma história que o homem constroe destruindo a si mesmo, não constituem nenhuma vitória sobre a alienação; ma afirmam uma alienação total.

2º - Um sistema de verdades e valores que são tais só num determinado contexto histórico e só quando são reconhecidos como tais pelo partido não garantem o respeito do homem, nem a possibilidade de uma convivência fraterna. E ainda: se o critério de valor coincide com o sucesso de uma determinada instituição - partido -, como superar a tentação constante (alias confirmada puntualmente pela história) de o partido impor-se e subjugar a maioria, restaurando o regime de opressão e alienação?

O princípio mais inaceitável do marxismo é, portanto, o da "praxe como critério exclusivo de verdade e de valor, que reduz o ideal marxista a uma visão fundamentalmente sócio-econômica e partidária.

O que, em última análise, se critica do marxismo não é de não ser humanista, mas de não ser suficientemente; não é de combater as alienações, mas de não combater-las radicalmente, alias de gerar outras novas; não é de denunciar a dialética patrão-escravo, mas de ficar, por sua vez, vítima.